



Realidade laboral: a invisibilidade do trabalho nos cemitérios

Bruno Miguel Oliveira Fraga

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADO

À FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM OUTUBRO DE 2015

PSICOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES, SOCIAL E DO TRABALHO

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

REALIDADE LABORAL: A INVISIBILIDADE DO TRABALHO NOS CEMITÉRIOS

Bruno Miguel Oliveira Fraga

outubro, 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Marianne Lacomblez* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo deste relatório reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Este relatório pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar este relatório, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga no presente relatório quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial

Agradecimentos

Os meus agradecimentos recaem sobre as todas as pessoas que acreditaram na realização desta dissertação de mestrado e que não desistiram de me auxiliar nos momentos mais caóticos e típicos da redação de uma investigação.

A todos os trabalhadores que me passaram o seu testemunho e que tiveram paciência para me ensinar o pouco que sei sobre a profissão cemiterial. Assim como ao Sr. Luís Carlos e Sr. Manuel Pereira, que com apreço tantas vezes me acompanharam e me concederam um voto de confiança para livremente aceder aos dois cemitérios com autonomia.

À minha querida amiga Andiará que deu orientação e rumo científico à minha análise e interpretação dos dados, mostrando, uma vez mais, a ótima investigadora que é.

Ao meu amigo Bruno pelos dados estatísticos e pela capacidade sintetizadora que possuí de melhorar, imenso, a apresentação dos dados.

Ao grande Archer pelo *design* dos esquemas estruturais, assim como pela motivação de final de taça para que eu não desistisse no ultimo momento. A todos os outros amigos e familiares, que indiretamente tiveram, também, um papel importante na concretização da minha dissertação.

Sabe bem sentir-se apoiado...

E por último à Prof. Doutora Marianne Lacomblez pela capacidade de, perante tantos constrangimentos temporais que me assolavam, de conseguir atribuir plasticidade a uma investigação que muito tinha a perder. Agradeço a dedicação e excelente persistência da sua parte.

Instructions for a Gravedigger

Robert Cording¹

Under the lid of the body
A pair of hands will gesture for help.
Like light they clamber for openings

In the dark. But do not think
Their light will illuminate what is dark
Within you. These are the hands

Of your invention, answers for what
Is locked beyond your inquiries.
Befriend them and you will wake a ghost.

Pity none, least of all, yourself.
You cannot praise by weeping.
Wipe the epitaphs from your eyes.

Mark the boundaries between the dead
And yourself. What you feel as their
Longing is simply your desires.

Work quickly, ignoring compulsions.
Resist appropriations of meaning.
Acknowledge only what is there:

Emptiness, expansive as the holes
Where stars once were. Study
This vacancy. Learn that the dead

Are through reaching out. How like
The shapeless sea they are past weathering.
This much can be yours for fulfillment.

¹ Poema retirado do *The American Scholar*, Autumn, 579.

RESUMO

Tendo como finalidade dar um contributo para a exploração a uma profissão pouco analisada nos últimos anos, o presente estudo pretende abrir uma problemática para futuras investigações.

O objetivo é de evidenciar as características do trabalho em cemitérios, definindo um possível perfil do seu género profissional face à determinada realidade vivenciada neste contexto.

A investigação privilegiou uma abordagem qualitativa, tendo em atenção o princípio da triangulação dos métodos. Assim, recorremos a observações diretas no terreno, momentos de verbalizações 'in loco' e outros que se apoiaram no método das instruções ao sócia. Completamos esses dados por uma análise documental, isto é: informações existentes na organização em questão, assim como documentação do domínio público. No tratamento dos dados que resultaram das instruções ao sócia, uma técnica de análise de conteúdo ajudou a realçar o essencial dos resultados.

A pesquisa permitiu perceber que a profissão de trabalhador cemiterial, tal como desenvolvida nos locais analisados, encontra claras semelhanças com o que transparece na literatura científica consultada. Parece também que, se tivermos em conta publicações do Século passado, pouca evolução tem sofrido.

Todavia, tendo confrontado a atividade real daqueles trabalhadores e o que lhes é imposto e prescrito, tornou-se claro a existência de um género profissional, suporte direto da forma como os nossos interlocutores se sentem parte integrante de um coletivo que lhes permite a criação partilhada de estratégias de resistência aos atributos negativos da sua profissão e de tentativas de regulação da sua penosidade.

Palavras-chave: coveiro, cemitério, atividade prescrita, real da atividade, género profissional, método de instrução ao sócia.

Abstract

Having as its purpose to make a contribution to the exploration of a profession hardly discussed in recent years, the present study aims to open an issue for future research.

The objective is to highlight the work characteristics in cemeteries, defining a possible profile of its professional genre due to particular reality experienced in this context.

The research has favored a qualitative approach, taking into account the principle of triangulation of methods. Therefore, we resorted to direct observations on the ground, moments of verbalization's '*in loco*' and others that have been supported by the method of instruction to doppelganger. We supplemented this data through a documental analysis, namely: existing information at the organization in question, as well as public domain's documentation. In the data processing which resulted from the instructions to doppelganger, a content analysis technique helped to highlight the essential results.

The research allowed us to understand that the profession of graveyard worker, as developed at the analyzed locations, has clear similarities with what we can find in the consulted scientific literature. It also seems that, if we take into account the publications of the last century, little evolution has occurred.

However, having confronted the real activity of those workers and what is being imposed and prescribed to them, it became clear the existence of a professional genre, direct support of how our interlocutors feel they are an integral part of a collective that allows them to create shared strategies of resistance to negative attributes of their profession and attempts to regulate as onerous.

Key words: gravedigger, graveyard, prescribed activity, real activity, professional gender, method of instruction to doppelganger.

RÉSUMÉ

En ayant comme finalité de proposer une contribution pour la meilleure connaissance d'une profession peu analysée ces dernières années, l'étude présentée ici voudrait ouvrir une problématique que pourraient reprendre d'autres recherches.

L'objectif est ainsi de mettre en évidence ce qui caractérise le travail des fossoyeurs sur le lieu des cimetières, en définissant ce qui pourrait être leur genre professionnel face à une réalité singulière, telle qu'elle est vécue.

Nous avons privilégié une approche qualitative, tout en ayant la préoccupation de respecter le principe de la triangulation des méthodes. Nous avons de la sorte recouru à des observations directes sur le terrain de deux cimetières, à des moments de verbalisation '*in loco*' mais aussi à d'autres appuyés sur ce que permet la méthode des instructions au sosie. Nous avons complété ces données de l'analyse de documents, en particulier: des informations existantes au sein de l'organisation en cause, et d'autres qui sont du domaine public. Pour le traitement des données relatives à ce qu'ont permis les instructions au sosie, une technique d'analyse de contenu a aidé à mettre en relief l'essentiel des résultats.

L'étude a permis de comprendre que la profession de fossoyeur, telle que développée sur les lieux analysés, reste très semblable à ce qu'il en est dit dans la littérature consultée. Il semble aussi que, si nous tenons compte de publications éditées au cours du dernier siècle, elle ait peu évolué.

Néanmoins, en ayant confronté l'activité réelle de ces travailleurs et ce qui leur est imposé et prescrit, l'existence d'un genre professionnel est évidente, jouant le rôle de support direct dans la façon dont nos interlocuteurs se voient comme partie intégrante d'un collectif qui leur permet la création partagée de stratégies de résistance aux attributs négatifs de leur profession, et de régulations de la pénosité qui caractérise celle-ci.

Mots-clés: fossoyeur, cimetière, travail prescrit, réel de l'activité, genre professionnel, méthode des instructions au sosie.

Índice

I INTRODUÇÃO	11
II REVISÃO DA LITERATURA	
1. O Referencial Teórico	
1.1. ANÁLISE DO TRABALHO: O PRIMADO DO TERRENO	13
1.1.1 Género e Estilos Profissionais	16
2. O Trabalho Cemiterial	
2.1. COVEIRO, SEPULTADOR OU TRABALHADOR CEMITERIAL.....	17
2.2. A FUNÇÃO, A TAREFA E A ATIVIDADE	19
2.3. RESISTÊNCIA DO COLETIVO	21
3. O Trabalho Cemiterial em Portugal.....	24
4. O Trabalho nos Cemitérios Municipais do Porto.....	28
4.1. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS ASSISTENTES OPERACIONAIS	31
4.2. CEMITÉRIO DO PRADO DO REPOUSO E CEMITÉRIO DE AGRAMONTE	34
III O ESTUDO EMPÍRICO	
1. Objetivo da Investigação	35
2. O Método de Recolha de Dados.....	36
2.1. OBSERVAÇÕES ABERTAS E VERBALIZAÇÕES	37
2.2. MÉTODO DE INSTRUÇÃO AO SÓZIA	38
2.2.1. PROCESSO DE SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	39
2.2.2. Os Participantes.....	40
2.2.1. Procedimento.....	40
2.3. TÉCNICA DE ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS.....	41
2.3.1. Análises de Conteúdo.....	42
2.3.2. Esquema Estrutural da Vivência do Sujeito	43
3. Resultados e Discussão	45
IV REFLEXÕES FINAIS.....	54
V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
VI ANEXOS	60

Índice de Figuras

TABELA 1: PROPORÇÃO DE TRABALHADORAS/ES NÃO QUALIFICADAS/OS POR LOCAL DE RESIDÊNCIA.	25
TABELA 2: POPULAÇÃO EMPREGADA POR PROFISSÃO PRINCIPAL	26
TABELA 3: ORGANIGRAMA (NÃO OFICIAL) DA HIERARQUIA E ORGANIZAÇÃO DOS ASSISTENTES OPERACIONAIS NOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DO PORTO	30
TABELA 4: CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO	33

Índice de Anexos

A. Pedido de Colaboração Assinado	61
B. Plantas dos dois Cemitérios	65
C. Consentimento Informado	68
D. Ficha Informativa do Método de Instrução ao Sócia	71
E. Ficha Informativa da Validação da Entrevista	74
F. Entrevistas	77
G. Categorização dos Dados	150
H. Análise do Conteúdo em Esquema	179
I. Rascunho do Esquema Estrutural	186
J. Esquema Estrutural Validado	188
K. Esquema Estrutural Final	190
L. Escala de Turnos	192
M. Exemplo Documento das Equipas de Trabalho	194

I Introdução²

Existe um vasto conjunto de profissões, que apesar de presentes na sociedade e de permanecerem uma necessidade inegável, são pouco visíveis: sabe-se que elas estão lá, mas só quando necessitamos delas. Até então permanecem quase que no anonimato e esta invisibilidade social não facilita que sejam discutidas, refletidas e alvo de transformações múltiplas.

Esta quase marginalização social acarretam um esforço maior para determinadas profissões quando o tema são as condições laborais, que só com o seu reconhecimento é que poderá tornar possível a constituição de uma estratégia de desenvolvimento e posterior modernização, que vise a melhoria das suas condições.

A profissão cemiterial é um desses casos de anonimato social, pela relação que a mesma estabelece com o tema morte, o que por si só provoca afastamento social (Franco, 2008). Apesar da sua clara necessidade para qualquer sociedade, que o trabalho cemiterial é finalizado, os trabalhadores voltam a ser esquecidos (Souza & Boemer, 1998) e a sua profissão também.

O esquecimento parece refletir-se na escassa literatura científica sobre a profissão, chegando a predominar informações que se sustentam em superstições ligadas à profissão de trabalhador cemiterial (Petrillo, 1989), contribuindo para um contínuo desenvolvimento de imagem negativa destes profissionais.

Uma pesquisa levada a cabo nos cemitérios públicos de Belo Horizonte relata como os trabalhadores preferem não contar aos amigos aonde trabalham (Barros & Lhuillier, 2013). E sabemos quanto a profissão que o indivíduo assegura é um dos elementos que mais influencia no auto e hétero julgamento (Hugues, 1996). Daqui surge a importância da designação da profissão, nomeadamente pelas representações sociais que veicula na sociedade que o rodeia (Hugues, 1996).

² Nesta dissertação, optámos pela não utilização do termo coveiro, em nome pessoal, ao longo da dissertação, pelo facto da palavra se encontrar imbuída de representações sociais negativas relativamente à profissão, acrescentando o facto de os trabalhadores do estudo não se sentirem confortáveis com a sua referência.

A presente investigação procura assim contribuir para o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca do processo de trabalho cemiterial, tendo por base a sua realidade laboral. O objetivo é descrever as características do trabalho tal como assegurado, definindo um possível perfil do seu género profissional, sem negligenciar a realidade vivenciada por estes trabalhadores.

As páginas que seguem encontram-se estruturadas em torno de duas partes centrais. Na primeira, após a apresentação sintética do enquadramento teórico da investigação realizada, onde procurámos fundamentar a importância da análise do trabalho e da atividade e do seu enfoque no terreno, passamos para uma descrição da profissão de coveiro tal como tem sido relatada na literatura científica e em Portugal – o que nos permite chegar até ao contexto específico dos trabalhadores cemiteriais do município do Porto e a forma como são descritos na diminuta informação existente.

Na segunda parte é explicado a metodologia utilizada na condução do estudo empírico, expondo a seguir o modo como foram sistematizados e os resultados obtidos nesta investigação.

A dissertação conclui-se com a reflexão a propósito destes resultados, finalizando com alguns comentários, onde são identificadas algumas limitações da nossa pesquisa e propostas para futuras investigações.

O que se segue poderá não ser entendido como um estudo científico no verdadeiro sentido da palavra: na verdade, trata-se de uma primeira exploração a um contexto que tem permanecido inerte. Espera-se contudo que, apesar das suas dimensões modestas, esta análise traga à luz aspetos diferenciadores do trabalho cemiterial, fomentando futuras pesquisas que permitam ampliar o projeto desenvolvido.

II Revisão da literatura

1. O referencial teórico

1.1. Análise do Trabalho: O Primado do Terreno

A necessidade de conhecer e analisar o trabalho, considerando que a compreensão do mesmo, no terreno, também potencia a sua transformação (Athayde & Brito, 2010), obriga a refletir sobre qual a análise que se querará encetar, considerando a multiplicidade de análises que se poderão realizar sobre as situações de trabalho (Silva, 2006).

Como objeto de pesquisa, a atividade laboral e a sua análise inicial, no contexto em que ocorre, contribui para a escolha teórico metodológico da pesquisa, pelo conhecimento, ao mesmo tempo e ao longo da investigação, que o investigador adquire, dos princípios, normas de produção e saberes do grupo laboral analisado. A consciência deste facto potencializa a plena relação entre investigador e protagonista da atividade, pela troca de saberes e criação de espaço para a reflexão e transformação.

A análise centrada no trabalho executado pelos operantes obriga a que se reflita acerca dos conceitos que dela fazem parte. Falar em trabalho é falar no número de tarefas e condições necessárias e existentes para o seu exercício. A resposta individual ao conjunto das características da tarefa é a atividade, o real do trabalho, em que o seu reconhecimento formal, num determinado posto, corresponde ao prescrito do trabalho – ou o que dele é esperado.

Pelo que a atividade não corresponde só os comportamentos operados pelos trabalhadores, mas são também ao processo, comportando a componente mental e físico (Silva, 2006), possuindo componentes que não são observáveis, em parte conseguidas através das verbalizações e das narrativas transmitidas e analisáveis.

Devem ser salvaguardadas todas estas dimensões, fugindo à comum análise do "como" é que o trabalho deve e tem de ser feito. De forma a auxiliar a análise do trabalho parece ser basilar a concetualização de um conjunto de variantes: os objetivos impostos, as performances, os resultados e regras exigíveis; os procedimentos adotados; os meios técnicos que permitem o alcance

dos objetivos: os meios humanos que organizam agrupam e dividem o trabalho; as condições temporais e as condições sociais da organização.

Da interação do trabalhador com todas estas variáveis é que surge a atividade, aquilo que na realidade se faz, numa espécie de resposta às exigências impostas.

Esta décalage entre o real e o prescrito é universal e sempre existiu. O conteúdo desta distância entre os dois conceitos é sempre ressingularizado, em que a experiência de trabalho não é inteiramente previsível. Há imprevistos que apontam para variabilidades técnicas e humanas, tornando impossível a heterodeterminação do trabalho.

E o trabalho real estará sempre agregado aos recursos incompletos de que são as prescrições, pois não comportam nem contemplam todas as situações encontradas no quotidiano. Os indivíduos, como protagonistas ativos, possuem sempre a autonomia de fazer regulações, ajustes e desvios (Brito, 2011), independentemente da tarefa a que nos estejamos a remeter, quer sejam muito repetitivas e ou monótonas.

E o real da atividade mantêm-se e é desenvolvido, porque as pessoas vão além do que lhes é pedido, imposto e proposto, adaptando o prescrito à realidade eminentemente variável. Pois trabalhar nunca é simplesmente aplicar o prescrito, já que os trabalhadores renormatizam a sua atividade, remetendo a um debate de normas e valores (Schwartz, 2005), em que a atividade de trabalho é singular e perpetrada por indivíduos singulares.

Recuperando o conceito anterior e sendo o aspeto mais central a considerar, a atividade, difícil de compreender dentro do trabalho, remete-nos sempre para as normas antecedentes e para as renormalizações, não esquecendo que abordamos o conceito teremos sempre de refletir acerca do debate de normas da qual a atividade resulta.

E este debate de normas não é estanque, ou seja, não acontece num passado, presente ou futuro em específico, mas acontece de forma contínua, sem um momento determinado, o que obriga o trabalhador a transgredir, modificar e deslocar as normas antecedentes, que de certo modo não permitem enfrentar os obstáculos que se impõem.

Vinculadas a regulamentos, processos e procedimentos, tecnologias e a conhecimentos técnico-científicos e culturais de determinada sociedade com os seus valores contidos (Brito, 2011; Schwartz, 2011).

Face a esta infidelidade do meio em que os trabalhadores se encontram imersos, numa pluralidade de normas, face à confrontação terão de fazer escolhas e opções e daí desenvolvem novas normas, que poderão ser incorporadas às normas antecedentes. Deste somatório entre as normas e as ocorrências inesperadas surgem as renormalizações.

Desta forma a análise da atividade procura a aproximação ao real do trabalho, às normas antecedentes e às renormalizações construídas, à forma como o trabalhador gere a sua performance em relação com os condicionalismos iminentes de determinada tarefa.

Pelo que se compreende o estabelecimento do primado do terreno, de forma a estudar o comportamento concreto do trabalhador em situação de trabalho, em que o contacto com o trabalhador e com o seu contexto profissional é fundamental para o real entendimento do real da atividade (Clot, 2007; Santos, 2006).

Considerando a complexidade da atividade torna-se indispensável ir ver de perto o que se passa, porque a atividade de trabalho, no essencial, não se vê e as dramáticas, embora permanentemente presentes, nem sempre são visíveis: a atividade de trabalho é apreendida pela confrontação e discussão de diversos tipos de informações com os trabalhadores, provocando reflexão que se inicia assim que o investigador interage com o contexto de trabalho em análise (Clot, 2007; Santos, 2006).

Segundo Clot (2007) parece pertinente repensar os conceitos de prescrito e real, de tarefa e atividade, pois já não dão conta de todas as situações de trabalho atuais. Tendo por base as interações sociais, toda a atividade de trabalho é sempre uma resposta à atividade dos outros e não exclusiva em si. Ela resulta e age sobre os que partilham o mesmo local de trabalho ou não (Santos, 2006).

Podemos afirmar que toda a atividade é endereçada a um ou vários destinatários, acrescentando à sua denominação o conceito de coatividade, em que se afigura uma resposta à atividade dos outros, resulta da atividade dos outros e age sobre a atividade dos outros (Santos, 2006), quase que numa

espécie de coletivo invisível, quando o trabalhador parece trabalhar sozinho, isolado, não articulando diretamente com outros.

Desta forma a atividade é também aquilo que não se faz e o que se poderia fazer, o real da atividade (Santos, 2006), em que nesta sinergia de conceitos e desconceitos, o que cansa é a atividade impedida, que é impossível, que não se realiza.

1.1.1. Género e estilos profissionais

Entre o real da atividade e o mundo das prescrições surge o sistema de obrigações compartilhadas pelo meio profissional que, apesar de não formalizadas, fazem parte da atividade.

O prescrito informal ou as obrigações partilhadas por um coletivo de trabalho encontram-se circunscritas a uma forma de fazer que se encontra estabilizada em determinado momento e meio, reportando-se ao meio histórico (Clot, 2007). Este nível de prescrição aponta para uma fixação, na função, de um género profissional (Clot, 2014).

O género apresenta-se como uma forma diversificada de pensar e de agir no trabalho, consagrada pelos pares em determinado contexto profissional, para que não seja necessário “criar” novidade todas as vezes que o trabalhador executa. Se assim fosse, o trabalho tornar-se-ia impossível (Clot & Faïta, 2000); no entanto, no meio profissional, o género possibilita, até certo ponto, a reorganização da tarefa (Ruelland-Roger, 2013).

Como intermediário entre o trabalhador e as normas e regras organizadoras e prescritas desse seu trabalho (Clot & Faïta, 2000), o género profissional é o responsável coletivo da atividade individual, não externa aos trabalhadores nem exclusivamente deles, mas também como parte integrantes de cada um deles (Ruelland-Roger, 2013).

No entanto e perante a coletividade em que cada trabalhador se integra, cada um, individualmente, continua a ter a sua responsabilidade na execução da atividade e o género, diante dos imprevistos reais, deverá possuir a flexibilidade e o enquadramento que permita, a cada um, constituir e servir-se de uma nova forma de ação.

Poderá até falar-se de uma renovação do género profissional através de novas condutas individuais, estilizadas, possibilitadas pelo coletivo (Clot, 2014)

em que o género e o estilo profissional são, em contexto profissional, inseparáveis quando se procura a diminuição de riscos laborais (Clot & Faïta, 2000).

Como tal, o estilo liberta-se do género, não através do seu abandono mas da sua regeneração, para refazer ou desfazer, quando as circunstâncias o permitem. A pertença e sensação de integração grupal são uma das formas de permissão individual para a renovação do género. O mais curioso é que este instrumento coletivo transporta uma dada situação de trabalho para um mundo social, afirmando-se como uma espécie de recurso para a ação, diminuindo a sensação de solidão individual e de possibilidade de errar.

Considerando o descrito anteriormente, o prescrito desdobra-se naquilo que pode ser a organização do trabalho, aquilo que corresponde à tarefa e ao que é estabelecido, assim como o trabalho da organização ou o já descrito género profissional, através da elaboração informal de regras, linguagem, gestos e símbolos.

Perante uma situação inesperada o sujeito em situação individual inventa uma solução, através do uso dos recursos e variantes do género profissional, que surgem a partir do mesmo e que por si se afiguram estilo profissional (Santos, 2006).

Em suma a atividade de trabalho é simultaneamente pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal (Clot & Leplat, 2005). Quando nos remetemos ao conjunto das nossas atividades referimo-nos ao pessoal e pelo facto de a atividade ser dirigida aos outros ela é interpessoal. Como é repleta de história do coletivo a atividade é transpessoal, pois resulta dos recursos mobilizados e transmitidos pelos mais experientes aos mais novos (Clot, 2007). O carácter impessoal da atividade advém da sua prescrição, pela imposição organizacional ao trabalhador.

2. O Trabalho Cemiterial

2.1. (Re) (Des) Conhecimento da Profissão

A profissão executada no palco cemiterial assume-se como socialmente necessária (Ramazzini, 1992; Santos, 1998), como tantas outras, que em

determinados momentos da história da humanidade foi de essencial importância na preservação da salubridade e da higiene pública.

Evoluindo de um prisma histórico-cultural mais penoso e danoso para o trabalhador do que pode ser considerado nos últimos anos, as condições e infortúnios atribuídos ao exercício da profissão de coveiro são retratados na obra de Ramazzini (1992), em que o autor expõe a penosidade da tarefa e das diversas atividades preconizadas por estes profissionais.

Invisível ao público (Pinheiro, Fischer, & Cobianchi, 2012), o coveiro fica encarregue do *trabalho sujo* e de se manter invisível à família, não demonstrando nenhum sentimento que possa interferir com o ritual fúnebre (Franco, 2008). A ideia de sujidade, repugnância e fetidez confere à profissão um reconhecimento social desprestigiado, como se fosse motivo de vergonha, tal como a morte é encarada (Franco, 2008), cuja essência da profissão é a sua manipulação constante (Santos, 1998).

As atividades, tarefas e funções relacionadas com a morte, períodos críticos de doença e com cadáveres são as mais estigmatizadas (Matta, 2012; Roach, 2003; Sachs, 2002), não só pelo medo imediato da morte e do contágio, mas também pela necessidade geral de separar o que é considerado puro do impuro (Rezende et al., 1995).

Daí advém a discriminação com a profissão pela relação e contacto que esta detém com dejetos ou cadáveres (Barros & Silva, 2004; Kovács, Vaiciunas & Alves, 2014), considerado o objeto de trabalho, neste caso o corpo morto, inferior, impuro, infetado, indigno e intocável (Barros & Lhuillier, 2013; Simonet, 2011).

Num estudo levado a cabo por Santos (1998), o não reconhecimento social da profissão foi apontado por 44.44% dos trabalhadores cemiteriais da amostra da pesquisa relatada, provocando insatisfação individual nos coveiros relativamente ao conteúdo do seu trabalho. O preconceito sentido pelos trabalhadores afeta o termo coveiro e a sua caracterização ampliando os seus efeitos para a a profissão em si (Franco, 2008).

Existem profissões que de certa forma constituem fonte de prazer e gratificação pelo seu reconhecimento e impacto social e outras consideradas indevidas e ingratas, muitas das vezes devido ao seu desconhecimento, originam e alimentam preconceitos e estigmas (Barros & Lhuillier, 2013).

Esta repulsa pela morte, que é um fenómeno naturalmente intrínseco a cada ser humano apelidado por Maranhão (1985 citado em Pinheiro et *al.*, 2012), de pornografia da morte, pelo facto do conceito estar imbuído de atribuições negativas. E profissões como a do coveiro apresentam-se como o fim, de que mais nada pode ser feito, como a “concretude da morte”(Kovács et *al.*, 2014, pp. 945).

Esta invisibilidade social é responsável por uma vasta variedade de doença social (Celeguim & Roesler, 2009), potenciando a desvalorização profissional sentida pelos trabalhadores, que tende a aumentar quando estes se comparam com outras profissões que também se aproximam com a morte mas que, apesar de tudo, mantêm-se mais afastadas dela, como médicos, enfermeiros, paramédicos, médicos legais e agentes funerários.

Trata-se de profissões que igualmente manuseiam restos mortais (Santos, 1998), no entanto a sociedade encontra-se condicionada a atribuir qualidades e a depositar altas recompensas em determinadas profissões, esquecendo outras (Pinheiro et *al.*, 2012).

Contudo, mesmo se a sociedade tende a reduzir a profissão do trabalhador no cemitério, ao seu objeto de trabalho, visto como um corpo morto ou uma pessoa morta (Kovács et *al.*, 2014), no entanto a morte é o seu instrumento de trabalho, que caso não existisse a morte, não fazia sentido a existência da profissão.

2.2. Coveiro, Sepultador ou Trabalhador de Cemitério

De acordo com Saunders (1995) os coveiros ainda continuam a ser, frequentemente, descritos como idiotas da aldeia, que não possuem qualificações para outra tarefa a não ser escavar covas. Aliás, a história da profissão é a de homens da mais vil plebe (Ramazzini, 1992). No entanto, atualmente, constituem um grupo profissional bastante heterogéneo de trabalhadores que, por diversas razões, deixaram o cenário educativo e, como o escreveu Saunders, não conquistaram a oportunidade de desenvolver competências vendáveis (Saunders, 1995).

Mas continua a perdurar uma não definição clara da profissão, não só pela diminuta literatura na área, mas a quase inexistente formação específica ou cursos de preparação, em que a grande maioria dos trabalhadores aprende no

terreno, com os mais velhos e com a prática, colocando-os em situação de risco físico e psicológico (Kovács et al., 2014) – o que demonstra o elevado desconhecimento da profissão.

Um inquérito-piloto levado a cabo por Saunders (1980 citado por Saunders, 1995) dirigido a mestrandos de administração de empresas, considerando a estigmatização ocupacional de certas profissões, questionou-se qual a imagem social de que são objetos os coveiros.

Embora o autor (1995) insista no fato das respostas não serem representativas, estas evidenciam um possível estigma profissional. Entre a maioria das respostas destacam-se as seguintes: o trabalho é deprimente, ingrato e possui um *status* social pobre; o trabalho é degradante; é uma tarefa à qual não é exigível habilidade especial nem responsabilidade; é uma profissão de último recurso em que o trabalhador não se preocupa com promoções nem progressões; o trabalhador pode ter um fascínio mórbido pela morte e até obter satisfação pelo ambiente fúnebre que o circunda; não é uma profissão a ser abordada em conversas sociais.

Na verdade, a imagem do coveiro tal como descrito por diversos autores ainda perdura, muitas das vezes como uma espécie de mito e considerando a persistência de todos os mitos e superstições, a mudança da sua imagem poderá afigurar-se tarefa difícil (Petrillo, 1989).

O mais curioso é que o trabalhador nem sempre experiencia a visão do corpo morto. É o contexto em que atua que é circundado pelo conceito da morte, das sepulturas, do crematório, da procissão do carro fúnebre, do luto dos familiares e amigos, da exposição diária a uma atmosfera que tem o potencial de ser psicologicamente prejudicial (Saunders, 1995), mas que não determina contactar diretamente com o corpo morto.

Podemos assim concluir que os trabalhadores de cemitérios constituem um conjunto de profissionais que se distinguem, como categoria laboral, na divisão de trabalho social, de baixo perfil e de pouco (re) conhecimento (Matta, 2012). O que contribui a explicar que, nas investigações levadas a cabo por Petrillo (1989) e Saunders (1995), a profissão de coveiro acaba por ser inserida num grupo muito geral de classificação formal da profissão que impossibilita a determinação em número dos trabalhadores cemiteriais existentes num dado país e ainda a plena classificação do seu grupo profissional.

2.3. A Função, a Tarefa e a Atividade

Apesar da fraca conceitualização laboral, a função de um trabalhador cemiterial prende-se, essencialmente, com a abertura de covais, sepultamentos (inumação), carregar o peso do morto, usar a pá e a enxada, exumar, fazer a limpeza, fazer a manutenção do cemitério e atender o público em geral, constituindo-se como uma profissão de uso braçal (Dittmar, 1991; Franco, 2008; Santos, 1998).

O sepultamento (inumação) diz respeito ao enterramento da urna, sendo que, após a chegada do cortejo fúnebre e da retirada manual da urna pelos parentes e trabalhadores, são os coveiros que tomam conta da situação (Dittmar, 1991; Santos, 1998; Simonet, 2011): aguardam pelo rito funerário que envolve a família, orações, flores e velas em homenagem ao cadáver (Simonet, 2011) e após isso cobrem a urna com terra.

Mas é frequente a atividade do trabalhador ser atravessada por momentos de elevada tensão psicológica e rigidez física, pois pretendem sempre proceder com absoluta calma, sem gestos bruscos nem sons que revelam a sua tensão (Matta, 2012) e até a sua presença.

Nesta tarefa em concreto, o esforço físico chega a ser claro quando a tarefa é executada em determinadas jazidas, com dimensões estreitas, que obrigam a posturas em pé ou semicurvadas, com movimentos contínuos (Dittmar, 1991) e com equipamentos de proteção individual que provocam desconforto e são incompatíveis com o trabalho executado (Santos, 1998). Assim, num estudo realizado por Occhipinti et al. (1988) com 108 trabalhadores cemiteriais, foram identificadas numerosas alterações degenerativas na coluna cervical, dorsal e lombar fruto do seu trabalho e da exigência física imposta nas tarefas.

Acrescentando à tarefa de sepultamento, o contacto e relação com alguns clientes, podem provocar ansiedade nos trabalhadores, quer pela condição psicológica em que se apresentam mas às vezes também porque receiam agressões físicas perpetradas contra si (Santos, 1998).

Mas convém referir ainda o trabalho de exumação, processo que diz respeito ao desenterrar da urna e à retirada dos ossos a que foram alvo de decomposição durante o período em que esteve inumado (Dittmar, 1991; Santos, 1998; Simonet, 2011). Lembramos que as sepulturas, na sua grande maioria, são

revestidas de pedra mármore, com lápides pesadas e gravadas a ouro acumulando-se, por cima da pedra tumular, pequenas lápides com inscrições (Saraiva, 1994), obrigando ao esforço de as retirar aquando da execução de exumações. Assim, dependendo das características da urna e da sepultura, a exumação poderá ter uma duração de até duas horas (Dittmar, 1991; Santos, 1998) e exige elevado esforço mental no que respeita à atenção à estrutura óssea humana e aos pequenos ossos que podem ficar perdidos. Quando o corpo se encontra decomposto, as ossadas são depositadas num ossário e os resíduos, como vestes e pedaços de madeira, são deixados na sepultura até nova abertura do espaço para novo enterramento.

Este manuseio do corpo decomposto permite, entre os trabalhadores, constituir campos de saberes, combinando saberes quotidianos, senso comum e saberes da anatomia humana (Matta, 2012) que preenche de experiência o coletivo profissional.

Além disso e apesar do fato de cada cultura criar formas de ultrapassar a representação de contágio (Saraiva, 1994), o corpo morto é considerado perigoso no seu processo natural de decomposição (Farina et al. 2009; Ramazzini, 1992) e, pela exposição a organismos vivos, poderá transmitir infeções e outras doenças (Kovács et al., 2014; Pinheiro et al., 2012).

Rothkopf et al. (1984) conduziram, aliás, um estudo soroepidemiológico considerando a exposição que trabalhadores que escavam a terra, como coveiros, a aerossóis da terra que poderão conter comensais do solo como a bactéria legionella. No entanto não conseguiram demonstrar que os trabalhadores que diretamente escavam a terra apresentavam uma maior probabilidade de contrair a doença de legionella.

Todavia, não há dúvida que, mesmo se tratando de um trabalho de elevada exigência, acompanhado muitas das vezes por desagradáveis efeitos secundários, como as exigentes condições meteorológicas (Dittmar, 1991; Santos, 1998; Saunders, 1995), mas que os trabalhadores procuram transmitir uma visão favorável da sua profissão e serviço que prestam (Matta, 2012), através de condutas de integridade, descrição, eficiência e eficácia.

Acrescendo, muitas das vezes, a falta de equipamentos e a sua inadequação, como luvas, botas, mascaras e óculos, pesados, quentes e

incómodos que colocam o trabalhador em exposição aos riscos de saúde pela sua não utilização (Barros & Silva, 2004).

A par desta constatação, Ramazzini (1992) tinha chegado a desenhar algumas preocupações relevantes para a tarefa dos coveiros, como estratégia preventiva para possíveis males, tais como lavar a boca e a garganta com vinagre, levar um pano no bolso com vinagre para modificar o ar e o mau odor, deixar uma abertura no túmulo para que a atmosfera fechada pouco a pouco desvaneça e terminado o trabalho, mudarão de roupa e procurarão ficar limpos.

Mais recentemente, Dittmar (1991) conseguiu aferir que os sepultadores podem vir a apresentar um nível superior de problemas de saúde, quando comparados com a maioria dos outros trabalhadores.

Aplicando aos coveiros a perspectiva da psicodinâmica definida por Dejours (1988), podemos igualmente considerar que o sofrimento resulta muitas das vezes de algumas demandas do trabalho (Pinheiro et al., 2012). As funções também comportam uma dimensão psicossocial de elevado esforço psicológico, não só pela necessidade de prestar apoio e consolação no momento da dor ao cliente (Santos, 1998), como também de exigência atencional.

De fato, além das doenças provenientes do objeto da atividade, os trabalhadores dos cemitérios também se encontram susceptíveis a desenvolver doenças do foro psicológico (Kovács et al., 2014), tornando-se frágeis face ao risco de dependências químicas (Dittmar, 1991) como compensação às frustrações profissionais (Seligmann-Silva, 1994).

É interessante atentar que os trabalhadores demonstram desconhecimento pelos seus problemas de saúde como resultantes da sua atividade profissional (Pinheiro et al., 2012) e nem sempre percebem o seu trabalho como prejudicial (Saunders, 1995).

2.4. Resistência do Coletivo

Na realidade, no decurso do seu processo de trabalho, os coveiros criam estratégias de resistência que visam a proteção individual e do grupo profissional, desenvolvidas face às situações adversas no contexto laboral. Podemos referir aqui estratégias que permitem uma certa habituação com o trabalho realizado, a utilização de "escapes" que possuam efeito relaxante como "brincar" nos momentos de pausa (Santos, 1999), a cultura de camaradagem do coletivo na

concretização de tarefas difíceis ou, até, a consideração de garantia de emprego nos tempos atuais.

Nota-se de fato um grande esforço por parte dos trabalhadores de não pensar na morte de não sentir nada diante da mesma e de não ser tocado por ela (Franco, 2008), não pensando nem compartilhando a tristeza de quem vai velar o corpo e da tristeza associada à sua profissão (Petrillo, 1989). E, no manuseio do corpo decomposto, o mesmo é frequentemente reduzido à existência de ossadas ou não, não fixando o corpo em si nem dos seus detalhes, (Barros & Silva, 2004) não considerando os corpos com os quais trabalham como corpos humanos (Concone & Consorte in Martins, 1983).

Podemos dizer com Matta que a realização eficaz da tarefa é uma das estratégias que permite aliviar tensões, assim como fazer rápido, bem e discretamente (Matta, 2012), utilizando também uma prática discursiva tecnicista, suprimindo a carga afetiva associada ao objeto (Barros & Lhuillier, 2013), tal e qual como a não consideração do corpo humano.

Acrescenta-se ainda que a maioria dos trabalhadores referem satisfação pelo facto de a profissão ser realizada ao ar livre (Petrillo, 1989), atribuindo a sensação de pureza e de parecer ser uma profissão com um cunho mais saudável quando se acrescenta que, pelo esforço físico, é encarada pelos trabalhadores como atividade física (Saunders, 1995).

3. O Trabalho Cemiterial em Portugal

A pobreza da literatura científica sobre a prática profissional dos trabalhadores cemiteriais torna-se mais acentuada quando se procura aceder a informação circunscrita unicamente a um país e às características laborais do grupo.

Em Portugal a informação válida e fidedigna é escassa, quase inexistente, para quem procura desenhar um perfil da profissão cemiterial que potencializasse uma base sólida para a construção de uma investigação.

A aproximação à função foi por isso quase essencialmente construída através da consulta da legislação aplicável à profissão, de códigos

regulamentares e de alguma documentação variada de carácter governamental e formal.

No entanto importa referir que este tipo de documentação, do domínio público, só de longe espelham a realidade laboral de uma profissão, possibilitando unicamente um fraco acesso a procedimentos e processos característicos, através de uma concetualização simples e primária das tarefas bases da função.

Um desses documentos é a Classificação Portuguesa das Profissões (CPP) (2010), que constitui a profissão de coveiro ³ através do conjunto de tarefas como: a abertura de sepulturas, escavando no solo uma vala com as dimensões adequadas à urna, utilizando picaretas, pás ou máquina apropriada; o transporte e levantamento de restos mortais num cemitério; condução do carro de transporte do corpo; introdução de cal no caixão; sepultamento da urna; abrir a sepultura aquando da exumação e assegura-se de que o cadáver está decomposto; retira os restos mortais, lava-os e coloca-os numa urna que deposita em local indicado; procede à limpeza e conservação do cemitério.

Partindo deste preliminar descritivo funcional, já se torna possível criar uma base de análise sustentada, pelo que foi relevante aceder a dados que espelhem o impacto da profissão no país.

Contudo, os únicos dados estatísticos encontrados, de carácter oficial e cm fidedignidade e validade, são os que se apresenta na tabela seguinte:

Local de residência (NUTS - 2013)		Proporção de trabalhadoras/es não qualificadas/os (Série 2011 - %) na População empregada por Local de residência (NUTS - 2013) e Sexo; Anual (1)					
		Período de referência dos dados					
		2014					
		Sexo					
		HM		H		M	
		%		%		%	
Portugal	PT	11,2		3,3		8	
Continente	1	11		3,1		7,9	
Região Autónoma dos Açores	2	16,8		6,5		10,3	
Região Autónoma da Madeira	3	13,9		4,7		9,1 ⁴	

Tabela 1: Proporção de trabalhadoras/es não qualificadas/os por Local de residência.

³ A profissão de coveiro encontra-se inserida no “Sub grande grupo 9.1 trabalhadores não qualificados dos serviços e comércio”, especificamente no “grupo base 9.1.6.2 cantoneiros de limpeza e trabalhadores similares”, sob o número (9.1.6.2.15).

⁴ Quadro extraído em 11 de Outubro de 2015 de INE, em: <http://www.ine.pt>;

Como a profissão de coveiro se encontra inserida no Grande Grupo 9 - Trabalhadores não Qualificados (CPP, 2010), que designa e agrupa os trabalhadores que executam tarefas simples e auxiliares onde são necessários esforços físicos e a utilização de ferramentas manuais, não é possível aceder ao número real de trabalhadores cemiteriais em Portugal.

Dificuldade também sentida, como já foi referido anteriormente, por Petrillo (1989) e Saunders (1995) quando procuraram aceder a valores semelhantes. Mas, nesse caso, a profissão de coveiro se encontrava inserida em grupos profissionais como jardineiros ou cantoneiros.

Assim, a junção dos coveiros num grupo tão alargado e denso de trabalhadores, não possibilita, estatisticamente, compreender o número específico de coveiros com a referida especificação no ativo em Portugal. Situação mais uma vez representada na tabela abaixo:

7. População empregada por profissão principal (CPP-10), situação na profissão e sexo									
Portugal	Sexo	Valor Trimestral					C.V.	Variação	
		3ºT-2012	4ºT-2012	1ºT-2013	2ºT-2013	3ºT-2013	3ºT-2013	Homólogo	Trimestral
		Milhares de indivíduos					%		
9: Trabalhadores não qualificados	HM	558,3	536,3	543,6	541,6	532,4	3,0	- 4,6	- 1,7
	H	160,1	152,4	152,2	153,4	155,2	5,6	- 3,1	1,2
	M	398,2	383,8	391,4	388,2	377,2	3,4	- 5,3	- 2,8

5

Tabela 2: População empregada por profissão principal

Quanto a questionar o Instituto Nacional de Estatística sobre outros dados informativos e específicos da profissão em análise, como o número de trabalhadores existentes no país, a sua distribuição, a idade média, o número de tarefas executadas, etc. também por este lado não se conseguiu qualquer tipo de dados.⁶

É verdade que em alguns cemitérios municipais e privados, sites institucionais apresentam dados institucionais e estatísticos acerca do seu funcionamento, tarefas e trabalhadores. No entanto os dados difundidos não permitem estabelecer um perfil nacional do que poderão ser definidos os trabalhadores cemiteriais.

Outra das possíveis aproximações à profissão de coveiro em Portugal poderá ser feita através do Decreto-lei 441/98, de 30 de Dezembro

⁵ Quadro extraído em 11 de Outubro de 2015 de INE, em: <http://www.ine.pt>;

⁶ Resposta do INE ao pedido efetuado: "Agradecendo o pedido, informamos que o INE não produz a informação solicitada. Colocamo-nos ao V. dispor para eventuais esclarecimentos. Com os nossos cumprimentos," em 14 de abril de 2015.

(Nascimento & Trabulo, 1999), alterado pelo Decreto-lei 109/10, de 14 de Outubro, já que objetiva estabelecer o regime jurídico da remoção, transporte, inumação, exumação, transladação e cremação de cadáveres, de cidadãos nacionais ou estrangeiros⁷.

O decreto-lei em questão teve como âmbito reunir e precisar um conjunto de conceitos desajustados e dúbios relativamente às principais tarefas cemiteriais, evitando a ocorrência de possíveis conflitos competênciais, descrevendo e definindo os procedimentos a adotar, prevendo-se também a possibilidade de colaboração entre diversas entidades

Desta forma, entende o decreto-lei 441/98, na sua atual redação, que: a remoção é o levantamento do cadáver do local onde ocorreu ou foi verificado o óbito e o seu subsequente transporte, a fim de se proceder à sua inumação ou cremação; a inumação diz respeito à colocação de cadáver em sepultura, jazigo ou local de consumpção aeróbia; a exumação como a abertura de sepultura, local de consumpção aeróbia ou caixão de metal onde se encontra inumado o cadáver; a transladação designa o transporte de cadáver inumado em jazigo ou de ossadas para local diferente daquele em que se encontram, a fim de serem de novo inumados, cremados ou colocados em ossário; e por último a cremação como a redução de cadáver ou ossadas a cinzas.

Acrescenta a este diploma, os regulamentos municipais e privados das referidas entidades que fazem a gestão dos diversos cemitérios. No caso de municípios, e precisamente o município do Porto, o código regulamentar da autarquia procura colmatar as lacunas existentes na lei, orientando parte das tarefas dos seus trabalhadores.

Atualmente na função pública, o descritivo funcional de coveiro sofreu alteração no âmbito do programa de reformas da Administração Pública, dos novos regimes de carreiras e de remunerações dos trabalhadores. Curiosamente a categoria a que os coveiros se veem inserir, assemelha-se, em grande parte, à caracterização da profissão na Classificação Nacional das Profissões.

⁷ Esta obra reúne toda a legislação portuguesa que decreta o funcionamento dos cemitérios em Portugal, municipais e das juntas de freguesia. Acompanhada dos decretos-leis, acordos e disposições estão as análises e interpretações da mesma, relativamente à construção e funcionamento cemiterial, à remoção, transporte, inumação, exumação, transladação e cremação de cadáveres, sanções e disposições processuais, sem esquecer a nota histórica importante quando se refere a questão cemiterial em Portugal.

Ou seja, a categoria de assistente operacional tem como conteúdo funcional para os trabalhadores que o ingressam a execução de “funções de natureza executiva, de carácter manual ou mecânico, enquadradas em diretivas gerais bem definidas e com graus de complexidade variáveis; tarefas de apoio elementares, indispensáveis ao funcionamento dos órgãos e serviços, podendo comportar esforço físico; responsabilidade pelos equipamentos sob sua guarda e pela sua correta utilização, procedendo, quando necessário, à manutenção e reparação dos mesmos” (artigos 85.º, 86.º, 88.º do anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho - Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas) - enquadrando-se nesta categoria os antigos auxiliares de limpeza e auxiliares administrativos, operador de reprografia, guarda noturno, telefonista, motorista de ligeiros, pesados e transporte coletivo, operário principal e operário (Decreto-Lei 121/2008, de 11 de julho).

Convém realçar que esta alteração promove não só a transição de trabalhadores entre diferentes conteúdos funcionais dentro da mesma carreira, mas também o aumento do espectro da função, deixando de existir, no que à legislação concerne, a especificação profissional.

E, desta forma, já não são coveiros que trabalham no cemitério, mas sim assistentes operacionais, aplicando-se o mesmo a jardins, à limpeza de ruas, etc. a título de exemplo.

4. O Trabalho nos Cemitérios Municipais do Porto

Considerando o exposto anteriormente, os antigos coveiros municipais do Porto são agora designados assistentes operacionais, descritos, em Mapa de Pessoal (2015) da Câmara Municipal do Porto, na direção e divisão municipal a que se encontra afetos, sob a área funcional de ambiente e serviços urbanos, como: *“exercem funções de natureza executiva, de carácter manual ou mecânico, enquadradas em diretivas definidas, na área de ambiente e serviços urbanos, executando tarefas de apoio indispensáveis ao funcionamento dos serviços, podendo comportar esforço físico, nomeadamente, varredura e limpeza do espaço público, manutenção de espaços verdes, abertura de sepulturas e*

enterramento, gestão de armazém, manutenção do canil, vigilância dos parques e manutenção da frota municipal"

E no que à Câmara Municipal do Porto concerne, os assistentes operacionais não possuem um descritivo de funções. O mais próximo de prescrito que a Câmara possui é o mapa de pessoal onde constam as tarefas, de forma simples e genérica, das diferentes carreiras dentro da categoria de assistente operacional.

Desta forma fica, aproveitando para voltar a afirmar o anteriormente dito, que os assistentes operacionais executam as tarefas do local a que se encontram afetos e não as funções da profissão a que são designados, pois essas deixaram de fazer parte do descritivo funcional dos trabalhadores.

Como um cemitério municipal é igualmente um parque urbano, um assistente operacional, ou trabalhador cemiterial, fará as tarefas a que estava designado anteriormente, somando atividades como a de *"varredura e limpeza do espaço público, manutenção de espaços verdes"*, *"gestão de armazém"*, caso o mesmo possua algum e conseqüente *"vigilância dos parques"*, tarefas que agregam antigas categorias como a de vigilante, auxiliar de limpeza e operário.

Antes da reforma da administração pública os coveiros municipais⁸ da Câmara municipal do Porto pertenciam ao grupo de pessoal auxiliar e respondiam ao seguinte conteúdo funcional⁹: *"Procede à abertura e aterro de sepulturas, ao depósito e ao levantamento dos restos mortais; cuida do sector do cemitério que lhe está atribuído"*.

Embora simples e pouco explícitas forem as atribuições, apresenta uma diminuição no número de tarefas impostas, apesar do segmento frásico *" (...) cuida do sector do cemitério que lhe está atribuído"* sendo o conceito *"cuida"*, de elevada abrangência funcional, que possui algum carácter discricionário e que poderia ter tido implicações na determinação de diversas tarefas aos trabalhadores, como as atividades de jardinagem e manutenção das secções.

Dentro da carreira de assistente operacional existem três categorias que se distinguem na designação e, principalmente, no conteúdo funcional, pelo que os

⁸ A designação coveiro municipal fazia parte do descritivo funcional, pelo que a sua utilização foi em consideração a esse descritivo.

⁹ Através do despacho do Sr. Presidente n.º 38/88 da SEALOT, publicado no nº 22 da 2.ª série, do Decreto Regulamentar datado de 26 de Janeiro de 1989

assistentes operacionais de carreira e categoria são os vulgos coveiros já abordados, seguindo-se o encarregado operacional e o coordenador técnico.

O número de trabalhadores que se estende na teia organizacional é vasto e a suas funções clarificam-se quando se apresenta a constituição das categorias, hierarquicamente, tal como a tabela abaixo:

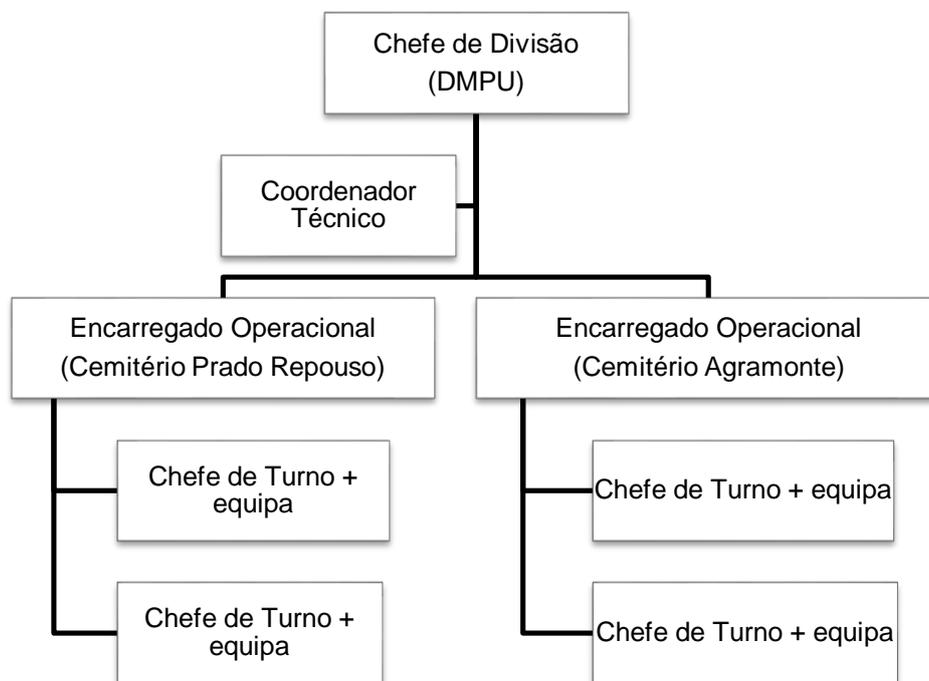


Tabela 3: Organograma (não oficial) da hierarquia e organização dos assistentes operacionais nos cemitérios municipais do Porto

A administração dos cemitérios encontra-se na dependência da Divisão Municipal de Parques Urbanos (DMPU), da Direção Municipal de Proteção Civil, Ambiente e Serviços Urbanos (DMPCASU), em que a chefia da divisão articula com o coordenador técnico, que este por sua vez exerce funções de chefia do pessoal da carreira de assistente operacional, articulando-se com o encarregado operacional que exerce funções de execução junto dos trabalhadores.

Em suma, no que diz respeito ao conteúdo funcional dos assistentes operacionais e da sua atuação no seu local de trabalho em específico, para além da legislação que decreta o regime jurídico das principais tarefas de um trabalhador cemiterial, do mapa de pessoal, do descritivo da carreira, acrescenta-se ainda o Código Regulamentar do Município do Porto¹⁰, na Parte D, Título 5, onde está definido o regime regulamentar aplicável aos cemitérios municipais da

¹⁰ Edital n.º 275/2008, onde se encontram reunidos os mais importantes regulamentos do município, organizado por áreas temáticas, beneficiando os munícipes, através do acesso rápido às normas regulamentares

área do município, com normas de organização e funcionamento dos serviços, procedimentos a adotar, questões de ordem mais específica dos cemitérios municipais como organização espacial das jazidas, ordenamento do território e concessão tumular, recuperando-se conceitos aplicados na legislação em vigor.

De notar que, apesar de este documento estar originalmente direcionado para os munícipes, no que diz respeito aos cemitérios municipais, além das instruções dirigidas ao cliente, possui também muitas normas e regras que orientam a profissão de assistente operacional, como o horário de trabalho.

4.1. Características Sociodemográficas dos Assistentes Operacionais

Para além da possível constituição das tarefas e atividades que constituem este grupo profissional, importa agora tentar traçar um perfil, mais ou menos concreto, das especificidades destes trabalhadores municipais, pelo que as considerações que se seguem são relativas à caracterização sociodemográfica dos 30 trabalhadores que constituem os dois cemitérios municipais analisados na nossa pesquisa.

Na faixa etária evidenciou-se uma variação entre os 31 e os 60 anos de idade, destacando-se o intervalo de idades dos 51-60 anos com 13 trabalhadores, seguindo-se o intervalo dos 41-50 com 10 trabalhadores, perfazendo uma média geral de 48 anos de idade. Importa referir que num dos dois cemitérios em questão, o do Prado do Repouso a média de idade dos trabalhadores se localiza nos 51 anos, enquanto no outro, em Agramonte se localiza nos 45 anos.

Relativamente às habilitações literárias, em geral, 12 trabalhadores possuem o primeiro ciclo do ensino básico, seguindo-se 5 com o segundo ciclo e 10 trabalhadores com o terceiro ciclo do ensino básico, terminando com 3 trabalhadores a possuírem o ensino secundário.

Quanto ao local de residência, 11 trabalhadores residem no concelho do Porto, seguindo-se 7 trabalhadores a residir em Penafiel e 3 a viver em Paredes ou Rio Tinto. Nos dois cemitérios o número é semelhante.

No que diz respeito ao estado civil dos trabalhadores 22 trabalhadores no total são casados e só 3 do total são divorciados e solteiros, respetivamente.

No que concerne ao número de anos na função de trabalhador cemiterial, 13 trabalhadores encontram-se no intervalo dos 11 - 20 anos de função como

como coveiro - e somando os outros trabalhadores, chegamos a uma média de 18 anos para o total de trabalhadores. Situação que se assemelha com o cemitério do Prado do Repouso com uma média de 21 anos de função, que se atendermos à idade média dos trabalhadores neste cemitério, faz sentido o elevado número de anos na mesma função – sendo que no cemitério de Agramonte a média de idade na mesma função diminui para os 14 anos, tal como a média de idade dos trabalhadores que o constituem.

Características	Dados Gerais	Prado do Repouso	Agramonte
<i>Faixa Etária:</i>			
18 - 30 Anos	1	1	0
31 - 40 Anos	5	0	5
41 - 50 Anos	10	5	5
51 - 60 Anos	13	9	4
61 + Anos	1	1	0
<i>Média</i>	48	51	45
<i>Habilitações Literárias:</i>			
1º Ciclo	12	8	4
2º Ciclo	5	4	1
3º Ciclo	10		8
Ensino Secundário	3	2	1
<i>Local de Residência:</i>			
Arouca	1	1	0
Barcelos	1	0	1
Entre-os-Rios	1	1	0
Gondomar	1	1	0
Maia	1	1	0
Paredes	3	1	2
Penafiel	7	4	3
Porto	11	6	5
Rio Tinto	3	0	3
Valongo	1	1	0
<i>Estado Civil:</i>			
Casado	22	12	10
Divorciado	3	1	2
Solteiro	3	2	1
União de Facto	1	0	1
Viúvo	1	1	0
<i>Tempo de Serviço:</i>			
1 - 10 Anos	7	3	4
11 - 20 Anos	13	5	8
21 - 30 Anos	6	5	1
31 - 40 Anos	4	3	1
<i>Média</i>	18	21	14 ¹¹¹²

Tabela 4 Características Sociodemográficas da População

$N = 30$

¹¹ Apresentação dos dados em numerário, sem utilização de dados em percentagem devido a uma população de trabalhadores pequena e restrita.

¹² A obtenção dos dados dos trabalhadores foi possível através do programa informático Sistema de Gestão de Pessoal, com a devida autorização das chefias envolvidas.

4.2. Cemitério do Prado do Repouso e Cemitério de Agramonte¹³

O Cemitério do Prado do Repouso foi inaugurado a 1 de Setembro de 1839, numa antiga quinta de recreio, a Quinta do Prado, tornando-se o primeiro cemitério público da cidade do Porto (Queirós & Gaspar, 2000) ¹⁴. Atualmente integra uma das melhores coleções em arquitetura e escultura existentes na cidade do Porto, reunindo obras da autoria de Soares dos Reis e Teixeira Lopes, e predominando, na arte funerária, obras do neogótico, a utilização do granito e a monumentalidade.

O crematório do Porto foi o segundo a ser construído em Portugal e situa-se na zona sul do cemitério junto à escarpa para o Douro, com o edifício e jardins anexos projetado pelo arquiteto Manuel da Silva Lessa. O crematório é de dimensões pequenas, pois inicialmente, na década de 90, era usado unicamente como crematório de resíduos do cemitério.

Quanto ao cemitério de Agramonte, este foi inaugurado em 1855, tendo sido reorganizada anos mais tarde e já no século XX sofreu alterações com vista ao seu alargamento territorial (Queirós & Gaspar, 2000).

Ambos os cemitérios seguem o modelo de arquitetura plana, de construção horizontal com sepulturas individuais de cariz perpétuo ou temporário (Santos, 1998), semelhante em muitos outros cemitérios, pois a esquadria do espaço permite que sejam construídas sepulturas exóticas e pequenos mausoléus e estátuas de pedra.

Atualmente e em resultado de uma requalificação e de um arranjo paisagístico, tornou-se num espaço mais ajardinado, simplificado e voltado para o exterior, com a introdução do conceito de cemitério como jardim urbano, com bancos de jardim e sinalética a referenciar os principais monumentos, para os apreciadores de arquitetura cemiterial.

O cemitério é também um jardim público, só que é um espaço não associado ao consumo, exceto pelas flores, construções e mausoléus, em que tudo é datado e marcado (Pétonnet, 2008).

¹³ As plantas dos dois cemitérios encontram-se no Anexo B da presente dissertação.

¹⁴ Roteiro criado pela Câmara Municipal do Porto identificando, em ambos os cemitérios municipais, as principais obras arquitetónicas cemiteriais. Desta obra ressalta as principais questões históricas da edificação e evolução de ambos os cemitérios.

II O ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivo de investigação

O presente estudo de investigação encontra-se orientado para a caracterização, concetualização e posterior descrição do trabalho real assegurado nos cemitérios municipais.

O desenvolvimento deste estudo encontra-se intimamente relacionado com a possível potencialização e enriquecimento literário da temática, devido a uma elevada lacuna científica e de dados informativos, com relevo, relativamente aos trabalhadores cemiteriais.

Há uma clara oportunidade de se evoluir numa área com importantes contributos para entendimentos futuros relativamente a dinâmicas e organizações laborais, de práticas e comportamentos individuais e coletivos e, também, num contexto de trabalho específico e pouco estudado. E ainda há muito a dizer e a explorar sobre o contexto e as condições reais inerentes às tarefas e atividades num cemitério.

Apesar de presente no quotidiano dos indivíduos, como profissão presente e com registo histórico, tal como a morte, a profissão de coveiro necessita de contributos para o seu entendimento e futura evolução no panorama social, pelo que o principal objetivo da presente dissertação de mestrado é redesenhar, de forma literal, uma análise, possivelmente aprofundada do trabalho real dos trabalhadores cemiteriais, considerando todas as variáveis envolvidas na sua constituição.

Para que este objetivo se aproximasse da possibilidade, foi condição essencial a escolha dos locais para o estudo, neste caso dos cemitérios, não só que permitissem fácil acesso, mas que possuíssem um ciclo de vida extenso, assim como as suas dimensões, quer em questões de alcance populacional como de número de tarefas e atividades que os trabalhadores preconizam diariamente.

A escolha e prossecução de um estudo com locais do âmbito municipal, ou seja da administração pública, permite também um contacto elevado com as normas e regras impostas, quer pela entidade que o governa como pela legislação que regulamenta a atividade de um funcionário público. A conceção do

prescrito poderá facilitar-se através destas considerações, mas o real da atividade tornou-se o objetivo primordial a alcançar.

Pelo que, tornou-se importante estruturar o objetivo desta investigação e o presente estudo, em torno de algumas preocupações principais, preferindo esta opção epistemológica à da formulação de hipóteses:

- A. Há uma aproximação entre o perfil do coveiro na literatura e o perfil dos trabalhadores do cemitério municipal?
- B. É possível alcançar o real da atividade através da metodologia utilizada?
- C. É possível alcançar e falar em género profissional nos trabalhadores cemiteriais?

Depois de elencar estas principais preocupações que constituem a trama do nosso objetivo, procurar-se-á aproximar do que na realidade um assistente operacional no cemitério faz no seu contexto laboral, como lida com os obstáculos e constrangimentos e quais as possíveis reflexões e quadros de pensamento que um investigador possa ter provocado quando se insere no local e investiga diretamente com os trabalhadores.

2. O Método de Recolha de Dados

A investigação foi levada a cabo através de uma abordagem qualitativa, utilizando observações diretas no terreno com acesso a verbalizações “in loco”, entrevistas livres e análise documental, de informações organizacionais e de documentação do domínio público.

A importância da componente de análise qualitativa, quando se trate de estudos do terreno onde existe análise da atividade de trabalho, é de permitir complementar e enriquecer os resultados (Barros-Duarte, Cunha & Lacomblez, 2007) obtidos através de diversas fontes de análise.

A escolha dos diferentes métodos utilizados teve em consideração, as propriedades das técnicas e os seus objetivos elencados, considerando os meios disponíveis, nomeadamente recursos temporais.

Aproximámo-nos assim do que se poderá chamar de triangulação metodológica, através da utilização de diferentes métodos para se estudar um mesmo problema de investigação, possibilitando a convergência dos resultados

de investigação, que caso conduzissem às mesmas conclusões, aproximam os resultados da validade (Denzin, 1989).

Não iremos minimizar o fato da primeira abordagem com os trabalhadores ter sido de relativa desconfiança¹⁵, pelo que foi necessário esclarecer as dúvidas dos trabalhadores sobre a pesquisa, através da apresentação do objetivo da investigação e da utilização final dos dados, explicitando que a mesma era realizada no âmbito de uma instituição universitária e não da entidade empregadora.

2.1. Observações Abertas e Verbalizações

Para apreender a atividade de trabalho é necessário a recolha de informações no seu decurso e exercício, estando presente no contexto de trabalho e completar a observação com verbalizações, explicações a dúvidas que vão surgindo no decorrer da observação.

As observações ocorreram nos cemitérios do Prado do Repouso e Agramonte, estabelecendo primeiramente contacto com os encarregados operacionais de cada cemitério, considerando-os informantes privilegiados em caso de dúvidas ou acessos a determinadas tarefas e trabalhadores. A observação foi também acompanhada de consulta de documentação existente no local de relevo para a análise da atividade.

Recorremos deste modo a observações abertas, participantes e sistemáticas do trabalho real, de forma a permitir que o observador veja progressivamente os factos e os eventos sem distorções. A observação foi acompanhada pela descrição e análise das ações do trabalhador, no sentido de aproximar à compreensão do trabalho, permitindo a estruturar o encontro entre a descrição da tarefa, aquilo que é requerido ao indivíduo, assim como as condições impostas para a sua execução, e a descrição da atividade, aquilo que ele realmente faz para desempenhar a tarefa.

Desta forma foi de extrema importância a observação de aspetos propriamente comportamentais, como movimentos, símbolos e comunicações, ou

¹⁵ A primeira abordagem com os trabalhadores, como estagiário da entidade empregadora, não foi bem aceite pelos trabalhadores, pelo facto de confundirem com um trabalhador dos recursos humanos, queixando-se das condições de trabalho, das infraestruturas e dos equipamentos de proteção individual.

Sentem-se “esquecidos” através da sensação de que não recebem a devida valorização pelo trabalho que executam, nem a preocupação pelas dificuldades que enfrentam.

seja reveladores da forma como a informação circula através da hierarquia e dos colegas, e as ações características do trabalho, indicadoras dos termos do trabalho e da distribuição da tarefa (Rabardel e tal. 1998).

As observações abertas, de carácter exploratório, permitem a recolha de factos e de eventos visíveis, que na sua dimensão temporal, possibilitam compreender de que modo o trabalho se estrutura. Em suma, permite a identificação dos fatores de variabilidade, de diversidade e de dinâmica evolutiva da atividade, das condições de execução e dos resultados em função do problema colocado.

Não esquecendo que as observações deverão ser sempre acompanhadas pelo ponto de vista do trabalhador. Pelo que o conjunto das observações em junção com as verbalizações dos trabalhadores resulta numa possível reconstrução das representações cognitivas dos trabalhadores, aproximando-se o mais possível do significado dos seus atos, do seu trabalho real (Schwartz, 2007).

A atividade de trabalho surge como um terreno possível para o estudo da linguagem, das verbalizações (Silva, 2006). É a matéria-prima de muitas atividades, acompanha o desenrolar da atividade e para o investigador, é um acesso privilegiado à compreensão da ação.

As verbalizações dos trabalhadores são indispensáveis, pois só o trabalhador poderá generalizar o alcance de uma observação, atribuindo um significado global ao que é observado, explicando os raciocínios e exprimindo certas complicações sentidas (Silva, 2006; Rabardel et al. 1998).

2.2. Método de Instrução ao Sósia

O método de Instrução ao Sósia é uma técnica que possibilita a co-análise da atividade, atribuindo maior ênfase ao “como” se faz do que ao “porquê” que se faz e tem sido utilizada e aperfeiçoada pelos investigadores da clínica da atividade (Brito, 2011).

Através da linguagem o método permite ter acesso ao pensamento do trabalhador, visando, em última instância, a intervenção nas situações de trabalho (Santos & Lacomblez, 2002). O objetivo principal deste método é aceder às representações construídas pelos próprios trabalhadores, de forma a possibilitar a sua transmissão e formalização.

A técnica pressupõe que o investigador se coloque no papel do trabalhador, como um sócia, e o substitua, hipoteticamente, na sua atividade de trabalho (Batista e Rabelo, 2013). Neste caso o sócia é alguém que ainda não sabe, mas que deve saber (Clot, 2007), para tal o trabalhador deve colocar-se na posição de instrutor e guiar o “seu sócia” por um dia de trabalho, focalizando-se na experiência e nos detalhes da execução da sua atividade (Batista & Rabelo, 2013).

Esta instrução permite que o trabalhador emergja numa reflexão constante sobre a sua atividade de trabalho, através da elaboração de um discurso sobre si mas dirigido ao investigador, obrigando-o a tornar-se externo ao seu próprio trabalho e à sua atividade.

O método em si não permite que se recolha o comportamento real e total do trabalhador, mas sim a sua imagem acerca daquilo que ele executa. E esta continua reflexão, de ambas as partes (investigador e trabalhador), beneficia as suas transformações (Vasconcelos & Lacomblez, 2005).

Assim que a instrução termina, o investigador abandona a posição de sócia e deve questionar o trabalhador sobre o impacto que o exercício provocou em si. A pergunta poderá possibilitar uma reflexão acerca da experiência do método e da sua atividade de trabalho, dando espaço para que o trabalhador possa partilhar todas as dificuldades e facilidades que sentiu.

2.2.1. Processo de seleção dos participantes

O Aquando do primeiro contacto estabelecido com a entidade, onde foi dado a conhecer os objetivos da investigação e quais as implicações, para a entidade, da sua aplicabilidade, foi dado a conhecer a necessidade de alocar alguns trabalhadores para um futuro momento de entrevista.

Assim que a investigação se aproximou da necessidade de realizar a entrevista sob a aplicação do método de instrução ao sócia, explicou-se, novamente, o método e a sua importância, agora junto dos encarregados operacionais, no sentido de se criarem as condições mínimas necessárias à sua aplicabilidade.

O processo de seleção de trabalhadores para participar no método respeitou uma única regra: estar disponível naquele horário para participar, ou

seja, nas pausas ou nos momentos de menos trabalho. Pelo que a amostra foi sendo definida pela própria análise e não selecionada previamente (Strauss & Corbin, 1998). Não se trata de uma amostra representativa das características dos fenómenos, mas “relevante” para o fenómeno em questão.

Assim que os trabalhadores estivessem disponíveis eram convidados a participar no estudo, sendo apresentado e explicado em que consistia o método e qual a sua relevância para a prossecução do estudo. Foram asseguradas as questões de anonimato e confidencialidade dos dados, sendo que em nenhum momento foi solicitado qualquer dado de identificação do trabalhador.

2.2.2. Os participantes

Participaram do método de instrução ao sócia cinco trabalhadores, quatro do sexo masculino e uma do sexo feminino.

2.2.3. Procedimento¹⁶

A aplicação do método ocorreu nos dois cemitérios, Agramonte e Prado do Repouso e no crematório, utilizando as salas de convívio dos trabalhadores para proceder à aplicação do método e aproveitando os momentos de pausa, como a meio da manhã, almoço ou a meio da tarde.

As entrevistas foram gravadas por um gravador de voz para posterior transcrição. A gravação da voz, a aplicação do método, assim como o comprometimento em salvaguardar as questões de anonimato e confidencialidade da nossa parte, foram assinadas pelos trabalhadores num documento (consentimento informado).

Como algumas entrevistas ocorreram na sala de convívio, que apesar de ser um local fechado, estava suscetível às interrupções de outros colegas. Sendo assim, ficou acordado deixar que outros trabalhadores intervenham, mas nestas situações o instrutor (entrevistado) será o mesmo do início ao fim e as perguntas serão, sempre, dirigidas a ele.

¹⁶ Consentimento Informado encontra-se no Anexo C da presente dissertação; Ficha Informativa do Método de Instrução ao Sócia no Anexo D da presente dissertação; Ficha Informativa da Validação da Entrevista no Anexo E da presente dissertação; Entrevistas na íntegra, já validadas pelos trabalhadores, encontram-se no Anexo F da presente dissertação;

Posteriormente, o trabalhador recebeu a transcrição da sua entrevista para que a pudesse validar, permitindo que o mesmo acrescentasse ou retirasse algo da sua entrevista transcrita.

Após a leitura e validação da entrevista, foi pedido ao trabalhador que analise a sua entrevista e a agrupasse de acordo com a *estrutura dinâmica da atividade* de Clot (Brito, 2011; Santos, 2006), provocando um segundo momento de reflexão, acerca do facto da atividade ser, simultaneamente, pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal.

Apesar da explicação da ocorrência da segunda fase da validação das entrevistas, neste caso a categorização e análise dos dados, esta tarefa não obteve os melhores resultados. Os trabalhadores sentiram dificuldade em entender algumas das dimensões que correspondem à estrutura da atividade, nomeadamente as dimensões interpessoal e transpessoal, não concetualizando com facilidade a questão da coatividade e do género profissional.

No final do segundo momento o trabalhador foi novamente questionado sobre o impacto da validação da entrevista e da categorização e análise da mesma, permitindo que haja espaço para se refletir acerca das facilidades e dificuldades sentidas, o que nos fez entender que a dificuldade se prendeu com os dois conceitos acima descritos.

2.3. Técnica de análise e categorização dos dados¹⁷

Amplamente utilizada na psicologia e na investigação qualitativa, uma das técnicas mais comuns para a análise de entrevistas (Vala, 1986), entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo, a inferência das mensagens.

Desta forma a análise de dados procura analisar o que é explícito no texto para obtenção de indicadores que permitam fazer inferência.

É nesta fase que, através do processo de codificação, os fenómenos indicados pelos dados são categorizados, partindo de uma categoria central, a investigação irá desenrolar-se através das subcategorias que irão surgir e que

¹⁷ Categorização dos Dados encontra-se no Anexo G da presente dissertação;

estão diretamente relacionadas com a central, procurando fazer ligações e comparações entre categorias.

A análise recai sobre o verdadeiro significado do texto e não no significado de segmentos isolados, para que os conceitos, com significado, sobressaiam. Pelo que é importante falar em análises de conteúdo, dada a pluralidade de orientações possíveis, de objetivos e de técnicas utilizadas.

Nesta investigação a análise de conteúdo apresenta-se como técnica privilegiada para tratar os dados provenientes das entrevistas realizadas, englobando duas grandes fases: a análise e a interpretação, em que esta última é sempre deixada ao investigador, pois não é a análise de conteúdo que interpreta o texto, mas o investigador que se serve dela para os interpretar.

Em que a interpretação do investigador tem em permanência constante a influência dos seus conhecimentos e saberes acerca da temática, da sua experiência pessoal e dos recursos que detinha.

2.3.1 Categorizações de Conteúdo

Considerando o volume informativo disponível proveniente da diversa documentação, das observações e verbalizações e das entrevistas recolhidas, a categorização dos dados foi construída tendo por base a análise da atividade.

A análise procedeu-se sobre duas fases, dando autonomia aos dados de conduzir, de certa forma, o processo interpretativo, evitando que fossemos nós a orientar a análise. As categorias surgiram a partir do texto das entrevistas e do conhecimento prévio existente sobre as diferentes tarefas.

A primeira fase consistiu na categorização da informação relativamente aos procedimentos exigíveis para a execução da tarefa, aquilo que é imposto, descrevendo com maior pormenor as atividades reais que os trabalhadores operam e que permitem atingir os objetivos da tarefa.

Assim que finalizamos a primeira fase da categorização, tornou-se pertinente, considerando o número de informação ainda por analisar, proceder a um segundo momento de análise e categorização dos dados, como complemento ao anterior e de relevo para a concetualização global do trabalho de um trabalhador cemiterial.

O segundo momento, ainda dentro da análise da tarefa, considerou aspetos como os meios técnicos (máquinas, instrumentos, meios de comunicação

e meios de proteção), as condições temporais (horários, pausas, rotatividade e folgas) e os meios humanos (como os trabalhadores se organizam).

Esta segunda fase permite um olhar menos técnico sobre as atividades desenvolvidas nos cemitérios municipais, realçando um conjunto de novos quadros de análise sobre o grupo de trabalhadores e sobre as possíveis dinâmicas de funcionamento.

A categorização e análise dos dados foram alvo de análise por três investigadores, em que um é externo à ao projeto, mas permitiu trazer realidade à análise, pelo facto de não ter tido contacto com as informações anteriormente.

2.3.2. Esquema Estrutural da Vivência do Sujeito¹⁸

Face a um volume extenso de informação categorizada e considerando a fase em que a investigação se encontra, foi necessário repensar uma forma de agrupar os dados, para facilitar a sua análise e discussão e a sua devolução aos trabalhadores para os validarem.

Partindo da categorização dos dados iniciou-se um processo de esquematização da informação, de forma manual, com recuros a lápis de cor para fazer marcações importantes, procurando fazer ligações e agrupando a informação. Foi elaborado um esquema para cada uma das tarefas principais, focalizando na organização coletiva dos trabalhadores, na atividade prescrita e real e nos, evidentes, estilos pessoais,

O processo culminaria na concetualização de um esquema estrutural da vivência dos sujeitos nos cemitérios municipais, construído a partir dos esquemas iniciais que foram elaborados pelos investigadores, que permitisse compilar, de forma abrangente, toda a categorização.

A principal preocupação na sua construção é que fosse entendível por qualquer elemento externo e, principalmente, pelos próprios trabalhadores, utilizando a sua linguagem e criando relações simples entre as categorias, mas que espelhassem o seu trabalho.

A estrutura apresenta um desenho simples e uma clara diminuição da informação em comparação com os anteriores. O intuito de não saturar o esquema com todas as informações que detínhamos teve como principal objetivo

¹⁸ Os esquemas estruturais, desde os rascunhos até à sua forma final, encontram-se nos anexos H, I, J e L

facilitar a leitura dos trabalhadores, permitindo que discutam e reflitam sobre as tarefas e dessa reflexão surjam contributos para melhorar e desenvolver a estrutura. Apresentamos a base concetual, possibilitando que o grupo possa acrescentar, modificar, alterar, discutir e mais uma vez refletir sobre a sua profissão.

3. Resultados e Discussão

Os resultados da investigação encontram-se em anexo, pelo que neste segmento será apresentada a discussão dos resultados, aproveitando para discutir as problemáticas que dão corpo ao objetivo principal, assim que a análise e interpretação dos dados o permitir.

Os assistentes operacionais dos cemitérios municipais trabalham de segunda a sábado, com folgas rotativas durante a semana e folga ao domingo de acordo com uma escala de trabalho¹⁹. O horário de trabalho é das 8:30h às 17:30h, perfazendo oito horas diárias, com uma pausa a meio da manhã, há hora do almoço e a meio da tarde. *"Chega aqui por volta das 8:15h, 8:20h, importante é chegar antes das 8:30h, pode ser 8:15h, 8:20h, marca antes das 8:30h"*

A entrada deve ser feita antes das 8:30h, para efeitos do biométrico e da mudança de farda, para que se encontrem aptos a iniciar funções às 8:30h, hora de abertura do cemitério ao público.

A escala de trabalho é um documento que se encontra próximo da entrada dos trabalhadores e determina o turno em que estes se inserem e quando é que folgam. Os turnos determinam as tarefas que serão executadas pelos trabalhadores, designados pelo grupo da seguinte forma: Turno do E (exumações), Turno do I (inumações) e Turno do O (outros serviços), em que cada equipa permanece uma semana em cada um dos turnos. *"Primeiro é do enterramento que é o I, depois exumações e do O. Depois vai sempre mudando. Agora estou das exumações para a semana estou do O, outros serviços que é a limpeza do cemitério."*

Os turnos são constituídos por um conjunto de equipas de dois ou três trabalhadores, visíveis num documento²⁰ assinalado na entrada ao serviço. As equipas de trabalho foram criadas tendo em consideração a situação do trabalhador, a sua capacidade física e a idade que possuem. Ora vejamos, os trabalhadores em situação de *trabalhos melhorados*²¹ são agrupados aos

¹⁹ Exemplo de uma escala de turnos encontra-se no Anexo L da presente dissertação;

²⁰ Exemplo de documento com equipas de trabalho encontra-se no Anexo M;

²¹ Situação de *Trabalhos Melhorados* em que os trabalhadores não executam tarefas e atividades consideradas pesadas.

trabalhadores tidos como fisicamente menos capazes e com os trabalhadores mais velhos, fazendo tarefas que não exijam elevado esforço físico.

Os restantes formam dois turnos, que muitas das vezes atuam como um só, dependendo das faltas e folgas que estiverem a decorrer durante o dia de trabalho. Quando tal acontece os trabalhadores substituem-se entre si, de um turno para o outro.

Este “sistema de substituições” parece estar muito bem organizado, porque é decidido e formado entre os trabalhadores, sem interferência dos superiores hierárquicos, acedendo às informações das tarefas que têm para fazer, no sentido de criar novo turno para trabalhar. Muitas das vezes já possuem conhecimento da véspera de quem irá faltar e folgar, aproveitando para anteceder a sua organização.

No Prado do Repouso não consideram a existência do turno do O, porque nele só fazem parte os trabalhadores em situação de *trabalhos melhorados* e situações semelhantes. O mesmo se passa com os trabalhadores do crematório, que não se encontram inseridos em nenhum turno, a não ser que seja realmente necessário.

À exceção dos trabalhadores já mencionados, todos executam as tarefas, independentemente do turno em que estejam inseridos, porque existe sempre a necessidade de substituição. Falamos de exumações térreas de manhã cedo, passando para funerais térreos, funerais de jazigo capela ou subterrâneo e exumações de jazigo capela e jazigo subterrâneo, em urnas de chumbo e urnas de zinco.

No caso das exumações térreas, que ocorrem logo pela manhã, o trabalho é executado manualmente, por um trabalhador, estando a restante equipa próxima caso haja a necessidade de o auxiliar.

Quando os trabalhadores têm menos trabalho, existe a possibilidade da tarefa ser executada por mais do que um trabalhador, de forma intercalada, devido, claro está, à dimensão da sepultura, não permitir que dois trabalhadores escavem ao mesmo tempo. A possibilidade de dois ou mais trabalhadores executarem uma mesma exumação depende do volume de exumações agendadas para a mesma manhã e do número de trabalhadores ao serviço no turno.

Um dos trabalhadores, não sabendo se a exumação dará ou não ossada, faz a abertura do coval só de um lado, em caso de dar ossada, faz a abertura total e retira os ossos, caso não dê ossada, é só preciso fechar uma parte da sepultura. Neste caso em específico não deu ossada e como forma de acelerar o processo de decomposição, para a exumação, deixou a sepultura aberta por um tempo para oxigenar a sepultura e o corpo, retirando também alguns detritos, como plásticos e pedaços de tecido que poderão atrasar a decomposição do corpo.

É curioso visualizar o surgir de estilos individuais que afirmam a existência de um coletivo. O elevado conhecimento acerca do contexto, do espaço circundante e das tarefas que o envolvem, permitem aos trabalhadores a facilidade em afirmar quais os espaços que necessitam de imediata intervenção.

Esta partilha de saberes também se faz sentir quando, face a determinadas tarefas, o encarregado procura o conhecimento e experiência do coletivo profissional. " (...) a gente diz-lhe, ou faz-se assim ou faz-se acolá. Se ele disser que não, depois é ele que prevalece. Mas às vezes a gente também fala, qual é a melhor coisa. (...) A gente também está no terreno e sabe aquilo que deve ser...". Não só pelos anos de função que muitos dos trabalhadores já possuem, mas também porque são eles os operantes da tarefa, pelo que eles saberão melhor qual a melhor forma de ser executado.

Acrescentando ainda o facto dos trabalhadores de topo não executarem as tarefas braçais que os de base executam, pelo que se encontram dispensados da manipulação e da aproximação direta ao objeto de trabalho (Barros & Lhuilier, 2013).

Mas quando o trabalhador braçal é envolvido em tarefas originalmente destinadas há chefia, há uma satisfação evidente por se sentir envolvido em tarefas adicionais que se relacionam com processos de tomada de decisão e das políticas do cemitério, aumentando o sentimento de controlo sobre o seu trabalho (Saunders, 1995) e de reconhecimento social dentro da hierarquia laboral.

Apesar das pequenas diferenças, algumas até de cariz cultural, há uma clara similitude entre a profissão de coveiro municipal no Porto, na atualidade, e o que é descrito na literatura, algumas delas com mais de 20 anos, como o caso de Dittmar (1991) e Santos (1998), levando a crer que a profissão pouco tem evoluído. Pelo que nos encontramos em condições de afirmar a primeira

problemática: *Há uma aproximação entre o perfil do coveiro na literatura e o perfil dos trabalhadores do cemitério municipal?*

Voltando à questão do coletivo, todas as tarefas fisicamente exigentes são sempre executadas por quatro a cinco trabalhadores, como na inumação ou exumações de jazigo, em que seja necessário o esforço físico para suportar urnas pesadas, que dois ou três assistentes estariam em posição de perigo.

O mais curioso é perceber que todas as tarefas são feitas em conjunto pelo turno, mesmo naquelas em que o trabalhador terá de as fazer praticamente sozinho. *“Porque você trabalha em equipa. (...) Se houver duas vão os quatro, se houver três vão os quatro, se houver quatro vão os quatro.”*; *“Quando acabamos, acabamos todos ao mesmo tempo. Começamos todos ao mesmo tempo e acabamos todos ao mesmo tempo”*, alegando não só as questões de segurança e consciência da penosidade da tarefa, mas também de pertença e união ao coletivo.

Numa espécie de interação social, que se caracteriza através de diferentes formas e sequências da atividade e em diferentes fases e ou momentos da organização, podendo ser constatadas em relação a uma mesma situação de trabalho (De la Garza & Weill-Fassina, 2000).

Esta interação social que se percebe quase que intrínseca ao grupo de trabalhadores em cada um dos cemitérios, possibilita que se sintam incluídos, num conjunto de individualidades integradas.

É de realçar também que o sentimento de pertença se faz sentir com a preocupação que eles transmitem entre si, auxiliando-se quando há necessidade de esforço físico, nomeadamente para levantar as sepulturas de pedra, mas também na articulação entre todos para que cada um não faça sempre a mesma atividade. *“Hoje pega, amanhã já pegava outro, para não ser sempre o mesmo...”*

A utilidade e beleza do trabalho são condições que aliviam o sofrimento de todos os trabalhadores (Dessors & Guiho-Bailly, 1998) e a utilidade entendida produz-se na interação do singular e do coletivo.

Há um recurso claro ao coletivo de trabalhadores e que nos permite iniciar a análise sobre a possível existência de um género profissional, que cada vez mais se evidencia, não só pelos comportamentos e recursos para ação que emanam, mas pela consideração e impacto que possui a sua existência no pleno funcionamento do cemitério.

A cooperação é condição essencial, possibilitando o surgimento de comportamentos que funcionem como linguagem, código subordinado a uma construção social, histórica e cultural. A utilização de expressões e termos específicos entre os trabalhadores permite afirmar essa coletividade e pertença individual ao grupo, possibilitando a diminuição da tensão entre os trabalhadores (Barthes, 1987; Matta, 2012).

Nas palavras de Barthes (1987) não existe um trabalho sem um léxico correspondente e é de notar que o léxico utilizado faz com que se sintam parte integrante do grupo, delimitando ainda mais o coletivo de trabalhadores. “ (...) a gente já está aqui há algum tempo vai aprendendo algumas técnicas (...) ”; *“Isso depois entre os colegas a gente também sabe.”*

A pertença ao grupo não é só o único fator de segurança sentido, a experiência apreendida e partilhada permite que as tarefas sejam executadas com maior segurança, porque se inserem no conjunto das prescrições informais.

A experiência do grupo e os conhecimentos histórico culturais que advêm do seu passado, que contam a história do género profissional, proporcionam o desenvolvimento individual de cada um dos trabalhadores, em que o passado é estimado no presente (Pétonnet, 2008). Em que cada um coloca a sua força e orientação ao serviço da tarefa, entre a prescrição teórica do trabalho e a tarefa concreta, utilizando a componente psicológica, a inteligência, e a sua componente física, o trabalho braçal (Dessors & Guiho-Bailly, 1998).

O que o trabalhador consegue perante a tarefa contribui para a sua formação identitária e para a sua identidade enquanto individualidade inserida no coletivo profissional, fazendo uso do ritmo, precisão e destreza para concluir determinada tarefa com êxito (Ricoeur, 1995).

Adquirem Know-how das diversas atividades, a dimensão prático-imediata, entendível na codificação que fazem dos ossos, quando os trabalhadores descrevem com algum pormenor e detalhe a anatomia óssea humana (Santos, 1998).

E é com a integração no coletivo que o trabalhador tem a capacidade e a hipótese de criar o estilo profissional (Santos, 2006), tornando-se perceptível no terreno o conhecimento de técnicas informais que permitiram a criação, quando o contexto assim o obrigou, de criar novas soluções.

"É para ser mais rápido. Eu pelo menos dá outro gosto, quando a aceleração está no máximo... é sempre a lavrar"; "Eu por exemplo já sei que consigo cortar este jardim aqui todo com aquele depósito. Um depósito chega."

Como forma de aumentar a rapidez e o ritmo de trabalho, além de executar diariamente com a mesma máquina, aumentando assim a sua experiência individual, consegue cortar mais erva e em menos tempo, em secções que sabe não irá precisar de voltar a encher o depósito com combustível.

É uma clara forma de perceber o surgimento de estilo pessoal, sem que o género fique ameaçado, afigurando-se uma forma de se desenvolver e aumentar o espectro de técnicas e normas informais, não havendo dúvidas de que são os próprios autores quem têm maiores possibilidades de gerar novas normas e valores.

E as novas normas e valores têm tendência a surgir quando determinados obstáculos se impõem, quando determinadas condições adversas são presença assídua no seu dia-a-dia e obrigam a criar estratégias de resistência.

As condições meteorológicas são um dos obstáculos que se impõe na execução de grande parte das tarefas. Parte do trabalho é executado a céu aberto, o que expõe os trabalhadores à chuva, ao sol, ao frio e ao calor, impossibilitando-os de executar, muitas das vezes, determinadas atividades. *"Se tiver bom tempo. Se tiver a chover, a gente já trabalha de outra maneira, tenta tapar mais rápido. Pois, que é para não apanhar tanta água."*

As exigências laborais também acarretam obstáculos que necessitam de renormalizações para serem ultrapassadas. Quando os trabalhadores se deparam com sepulturas e jazigos térreos, que devido aos anos de existência e à falta de manutenção e restauro, ameaçam desabar e colapsar. Tal como Dejourn (1988) afirma, o sofrimento resulta muitas das vezes das prescrições do trabalho.

"Uma consegue fazer mas é um pouco mais forçado. Tendo em conta que a urna juntamente com o corpo que lá está pode pesar à volta de 100 quilos (...) não só pelo peso mas também por uma questão de segurança. Este tipo de serviços nunca deve de estar um técnico sozinho."

Compreensível, mais uma vez, a necessidade da equipa permanecer junta, acionando mecanismos de interação social, como a colaboração e a ajuda quando necessárias, executando operações diferentes mas com vista o mesmo

objetivo e no entanto se articulam entre si, ajudando-se mutuamente na execução de determinadas ações (De la Garza & Weill-Fassina, 2000).

Mas nem sempre esta entreaajuda é possível, quando a constituição dos turnos de trabalho não permitem a melhor execução das tarefas, em caso de falta, impedimentos e folgas, o turno é substituído por trabalhadores mais velhos e com maiores dificuldades motoras, sobrecarregando os trabalhadores mais novos, potencializando o absentismo e as baixas médicas.

“Está tudo desfalcado... Mas isso pergunte ao chefe. “; ”Você tira os que vão para o forno, tem dois, três homens. Mas isso foi alertado... e aqui tem seis e aqui já tem três. Se você vir aqui são sempre os mesmos.”

Os trabalhadores afirmam que a escala de trabalho e a forma como os turnos e as equipas estão constituídas não representam a realidade do trabalho cemiterial. Num dos cemitérios foi possível aceder à seguinte situação: Três trabalhadores encontram-se em *trabalhos melhorados* e três de baixa médica. Acrescenta-se o facto de dois a quatro trabalhadores estarem regularmente no crematório. Contas feitas, restam entre cinco a oito trabalhadores por turno para as restantes tarefas, de coveiro, jardinagem e manutenção.

A relação entre o trabalhador e o cliente também poderá ser uma fonte de tensão quando se criam obstáculos e constrangimentos. *“ (...) há outras pessoas que se conversa mais à vontade. Outras pessoas é preciso ter mais cuidado com aquilo que se diz (...) ”*

Muitas das vezes, fruto da representação social que o trabalhador possui, associado ao estigma social de alcoólatra, mau trabalhador e sem habilitações literárias, recebe um tratamento de diminuição por parte de alguns munícipes.

Fruto da sua experiência, das normas impostas e prescritas e da relação com o seu coletivo profissional e acedendo às normas e regras informais que caracterizam-no como trabalhador, adotam uma postura comportamental de respeito e compreensão pelo momento em que se encontram os clientes. *“ (...) vamos falar com simpatia com as pessoas e vamos mostrar que é um momento frágil”*

Em muitas tarefas, como inumações e exumações a tensão que sentem pela família e amigos do corpo é muito elevada. Para além do número de pessoas à sua volta, a presença é acompanhada por choro, gritos e até, em muitos casos, a intenção de travar o trabalho do coveiro.

Sentem-se em muitos momentos deslocados da sua profissão, como fazendo parte de outro, como se fossem um psicólogo ou um padre, quando são eles que recebem as lamúrias, tristezas e desabafos dos munícipes que para o cemitério vão velar os entes queridos. " (...) *a gente trabalha muito com os sentimentos das pessoas. As pessoas às vezes desabafam contigo... quase tipo como psicólogos...*"; " (...) *às vezes não têm com quem falar e nós somos quase que a espécie de um padre, pronto vão desabafando.* "

Não há dúvida que toda a atividade é endereçada a alguém, que pode ser o colega de trabalho, a chefia ou os clientes. Da mesma forma que a atividade é pessoal, operada pelo próprio, ela é igualmente interpessoal, porque é dirigida aos outros. " (...) *ir com uma máquina de fio para dentro de uma secção onde tem a sepultura acaba por se sujar tudo, (...) há outras que já acham mal e reclamam. (...) Vou chamando assim um bocadinho à razão (...)* "

Mas quando se desdobra o conceito de atividade em aquilo que o operador faz e naquilo que se poderia fazer e não se faz, os trabalhadores têm claro conhecimento daquilo que poderia e / ou deveria ser feito em determinadas tarefas " *Se quer a minha opinião, se calhar o normal deveria ser, você pega naquilo tudo e levar para cremar. Mas encostasse tudo ao cantinho (...)* "; " *Às vezes a gente olha lá para cima estão a pôr... senão tinha de fazer de polícia, e é complicado...*".

As questões relacionadas com os materiais de proteção individual e os materiais de trabalho, como máquinas e afins, relacionam-se precisamente com aquilo que poderia ser feito mas não o é. E a atividade impedida, impossível, cansa e desgasta o trabalhador.

Nesta fase da análise já se torna possível, por se encontrarem reunidas todas as condições para se responder às problemáticas elencadas: *É possível alcançar o real da atividade através da metodologia utilizada? É possível alcançar e falar em género profissional nos trabalhadores cemiteriais?*

A análise do trabalho e da atividade é possível quando o acesso ao contexto onde esta se realiza se torna o principal local de recolha de informação. Torna-se evidente que a metodologia utilizada e a sua triangulação permitiram aceder a informações privilegiadas que de outra forma não seria possível, acedendo, como ficou claro, ao real da atividade e a tudo aquilo que o conceito comporta em si.

Da mesma forma que se afigura possível alcançar o género profissional dos assistentes operacionais dos cemitérios municipais e das suas características, nomeadamente as regras e normas que o constituem e que lhes permite dar a sensação de pertença e integração grupal, ficando claro o surgimento de estilos profissionais que permitem a evolução do género e a sua adaptação a novas características do contexto laboral.

A validação do esquema concetual junto dos trabalhadores permitiu aceder, em primeiro lugar à validade dos dados recolhidos e da sua posterior análise e em segundo lugar a um conjunto de questões, que serão sintetizadas a seguir.

- Visualizar, apesar que de uma forma resumida, o número elevado de tarefas e atividades que executam na sua profissão, acarreta um sentimento de esperança acreditando ser um dos passos para o devido reconhecimento da sua profissão;
- Evidência da concretização da dissertação, porque no início do projeto vários trabalhadores afirmaram que não valia a pena fazer um estudo sobre a sua profissão, porque outros tentaram e nada aconteceu.
- Voltaram a mencionar as questões da ausência dos equipamentos de proteção individual e das suas condições laborais. Apesar de a dissertação ter abordado, em inúmeros momentos essa questão, porque tem impacto direto na organização do trabalho, nas sinergias resultantes e na organização do coletivo, não é intenção do projeto focar em pormenor essa questão. Fica aqui espaço para futuras investigações neste âmbito, pois existe dados para a sua plena operacionalização.

Para finalizar, apesar de a profissão ser considerada exigente, de baixo salário, da inexistência de recompensa face à avaliação de desempenho, da questão de ausência de equipamentos de proteção individual, o trabalho é executado com cuidado e dedicação.

A atual imagem dos jardins é uma prova desse cuidado e é notória a preocupação dos trabalhadores em gerir uma boa imagem do cemitério, através de brio e honestidade na sua execução. *“É um bocado a imagem, se aquilo tiver direito, limpinho, direitinho é uma imagem. É a mesma coisa que você chegar aqui à porta e existe a relva toda grande, você até não ia lá para cima porque está tudo direito, entrava e saía, o que é que você dizia?”*

III Reflexões finais

A não evolução no tempo e na história, de algumas profissões, que por diversas razões se debatem contra a modernização, investigação e o desenvolvimento, acarreta, muitas das vezes, na falta de condições na desvalorização da ação do sujeito e do seu propósito como trabalhador.

Predominando, em muitos casos, a privação do que é na realidade trabalhar, potencializando o ataque à identidade funcional do sujeito, aumentando o seu desgaste como profissional (Barros & Silva, 2004).

Podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, de que estamos perante trabalhadores que muitas das vezes assumem um papel de cuidadores de pessoas, dos familiares em luto e dos entes falecidos, proporcionando à família a possibilidade de guardar boas memórias (Kovács, et al. 2014). Há a necessidade de caracterizar o trabalhador cemiterial, não como uma pessoa ignorante e insensível, mas como uma pessoa que procura fazer um bom trabalho (Petrillo, 1989).

E daqui ressalta a importância de se analisar o trabalho e a atividade através do primado do terreno, como a melhor forma de possibilitar essa análise. A observação em campo permite uma perceção mais ampla da dimensão do processo de trabalho e permite, em contexto natural e sistemático, dissimular mitos, preconceitos e prejuízos, tendo acesso privilegiado a uma realidade laboral rica a que poucos têm.

A importância desta investigação surge não só na necessidade de contribuir para uma maior visibilidade atribuída à profissão, mas de dar luz a uma problemática pouco abordada na literatura, que merece a atenção de investigadores de diversas áreas, com a necessidade presente de construir novos modelos, necessariamente, interdisciplinares de ação e investigação.

Acrescenta-se ainda, em jeito de limitação ao estudo, o reduzido número de trabalhadores incluídos no segundo método, em que teria sido interessante ter esgotado o volume de informação recolhido, ficando a investigação munida com um manancial de dados que possibilitassem diferentes caminhos e posteriores abordagens metodológicas. Outra das limitações prende-se com a transposição destes dados para o restante panorama nacional, ou seja a investigação prendeu-

se com trabalhadores municipais, não tendo sido possível verificar as condições e realidades laborais dos trabalhadores cemiteriais de entidades privadas.

A presente dissertação procurou também demonstrar as dificuldades sentidas num estudo exploratório, de quase inexistente literatura sobre o assunto, mas que na sua totalidade constrói as bases para a delimitação futura de novas investigações, mais densas, mais profundas, mas com um enfoque final na melhoria das suas condições e formas de organização laboral.

Fica a crença de que o tempo da profissão ajuda na adaptação e na possibilidade de maiores aperfeiçoamentos, através de novas técnicas e um novo sentido à própria experiência (Kovács, Vaiciunas & Alves, 2014), quer pelos trabalhadores, pelos superiores hierárquicos e possíveis investigadores.

“O que não se vê, não se toca, não se conhece”²²

²² Citação do conto “Terceira Margem do Rio” do livro “Primeiras Histórias” de João Guimarães Rosa (1962), citado em Barros & Lhuillier (2013).

IV Referências Bibliográficas

- Athayde, M., & Brito, J. (2010). Ergologia e Clínica do Trabalho. In Bendassolli, P., & Soboll, A., *Clínicas do Trabalho* (258-281). São Paulo: Atlas.
- Barros, V., A., & Lhuilier, D. (2013). Marginalidade e Reintegração Social: O trabalho nas prisões. Manuscrito não publicado.
- Barros, V., A., & Silva, L., R. (2004). Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. *Psicologia em Revista*, 10 (16), 318-333.
- Barros-Duarte, C., Cunha, L.; Lacomblez, M. (2007), INSAT: uma proposta metodológica para análise dos efeitos das condições de trabalho sobre a saúde. *Laboreal*, 3, (2), 54-62
- Barthes, R. (1987). El sussuro del lenguaje. Mas allá de la palabra y la escritura. Barcelona: Editorial Paidós
- Batista, M., & Rabelo, L. (2013). Imagine que eu sou seu sócia... Aspectos técnicos de um método em clinica da atividade. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16 (1), 1-8.
- Brito, J. (2011). A ergologia como perspectiva de análise: a saúde do trabalhador e o trabalho em saúde. In Minayo, C., Machado, J., & Pena, P., *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*, (479-494). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Celeguim, C. R. J., & Roesler, H. M. K. N (2009). A invisibilidade social no âmbito do trabalho. *Revista Científica da Faculdade das Américas*, III (1), 1-19
- Clot, Y. & Faïta, D. (2000). Genres et styles en analyse du travail: concepts et méthodes. *Travailler*, 4, 7-42.
- Clot, Y. & Leplat, J. (2005). La méthode clinique en ergonomie et en psychologie du travail. *Le Travail Humain*, 68 (4), 289-316.
- Clot, Y. (2007). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes.
- Clot, Y. (2014). Géneros e estilos profissionais. *Laboreal*, 10 (1). 95-97.
- Cording, R. (1976). Instructions for a Gravedigger. *The American Scholar*, Autumn, 576.
- De la Garza, C., & Weill-Fassina, A. (2000). Régulations horizontales et verticales du risque. In A. Weill-Fassina, T.H. Benckekroun (Eds.), *Approches ergonomiques*

- du travail collectif dans les systèmes socio-techniques (217-234). Toulouse: Octarès Éditions.
- Dejours, C. (1988). *A loucura do Trabalho. Estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Oboré
- Denzin, N. K. (1989). *The research act*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall
- Dessors, D., & Guiho-Bailly, M. (1998). *Organización del trabajo y salud*. Buenos Aires: Lumen
- Dittmar, W., H. (1991). *Um estudo sobre a prevalência de distúrbios psiquiátricos entre sepultadores do serviço funerário do município de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil
- Farina, A. S., Antunes, A. D. A. Yokomizo, J. E., & Ariento, L. A. (2009). A morte como trabalho, um estudo com agentes funerários da Grande São Paulo. In A. M. Carvalho, A. S. Farina, E. M. Franco, C. Stella, J. Garção, R. S, Rusche, & V. Siqueira (Orgs). *Temas contemporâneos em Psicologia do Cotidiano* (35-58). São Paulo: Editora Expressão e Arte.
- Franco, C. (2008). *A Cara da Morte: Imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUS/SP, Brasil.
- Hugues, E. C. (1996). Work and Self. In Chapouillie, J. M. *Le regard sociologique essays choisis*. Paris : Editions de L'école des Hautes Etudes en Sciences Sociales
- Kovács, M., J., Vaiciunas, N., & Alves, E., G., R. (2014). Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, 34 (4), 940-954.
- Martins, J. S. (1983). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec.
- Matta, L. (2012). El oficio de sepulturero. Etnografía. *Anuario de Antropología Social y Cultural en Uruguay*, 10, 133-146.
- Nascimento, E. & Trabulo, M. (1999). *Cemitérios: Ordenamentos e Questões Jurídicas*. Coimbra: Almedina.
- Occhipinti, E., Colombini, D., Cattaneo, G., Cervi, E., & Grieco., A. (1988). Posture di Lavoro e Alterazioni del Rachide nei Necrofori. *La Medicina del Lavoro*, 79 (6), 452-459.
- Pétonnet, C. (1982). L'observation flottante – L'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*, XXII (4), 37-47.

- Petrillo, G. (1989). The Distant Mourner : An Examination of the American Gravedigger. *Omega*, 20 (2), 139-148.
- Pinheiro, F., Fischer, F. M., & Cobianchi, C. J. (2012). Work of gravediggers and health. *Work*, 41 (1), 5819-5822.
- Queirós, F. & Gaspar, O. (2000). *Cemitérios do Porto: Roteiro*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Direção Municipal de Ambiente e Serviços Urbanos.
- Rabardel, P., Carlin, N., Chesnais, M., Lang, N., & Pascal, M. (1998). *Ergonomie concepts et méthodes*. Toulouse: Octarès Editions
- Ramazzini, B. (1992). *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: Fundacentro. Tradução brasileira de: Ramazzini, B. (1700). *De morbis Artificum*, Modène, A. Capponi.
- Rezende, A. L. M., Santos, G. F., Caldeira, V. P., & Magalhães Z. R. (1995). Ritos de morte na lembrança de velhos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 48 (1).
- Ricoeur, P. (1993). Texto, *testimónio y narración*. Santiago de Chile: Editorial Andres Bello.
- Roach, M. (2003). *Stiff. The Curious Lives of Human Cadavers*. New York: W.W. Norton & Co.
- Rothkopf, M., Smith, S. M., Shah, Y., Perez, E., McDearman, S. C., & Robert, H. K. (1984). Legionnaires' disease in a gravedigger. An epidemiologic study. *New York State Journal of Medicine*, May.
- Ruelland-Roger, D. (2013). Gênero de atividades profissionais, variantes estilísticas e genericidade em clínica atividade. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 16 (1), 133-144.
- Sachs, S. J. (2002). *Corpse*. Cambridge: Perseus Publications
- Santos, M. (2006). Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos. *Laboreal*, 2, (1), 34-41.
- Santos, M., & Lacomblez, M. (2002). Discutir o Trabalho, Fazer Sabendo: Projecto de Formação. Profissional de Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 305-311.
- Santos, R., V. (1998). A realidade do Processo de Trabalho Vivenciado nos Cemitérios. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 25 (93/94), 57-73.
- Saraiva, C. (1994). Rituais Funerários dos dois lados do Atlântico. *Antropologia Portuguesa*, 12, 43-59.

- Saunders, K. C. (1995). The Occupational Role of Gravediggers: A service Occupation in Acute Decline. *The Service Industries Journal*, 15 (1), 1-13
- Schwartz, S. J. (2007). The structure of identity consolidation: Multiple correlated constructs or one superordinate construct? Identity. *An International Journal of Theory and Research*, 7, 27-49
- Schwartz, Y. (2005). Actividade. *Laboreal*, 1, (1), 63-64.
- Schwartz, Y. (2011) Manifesto por um ergoengajamento. In: Bendassoli, P. F., & Soboll, L. A. P. *Clínicas do trabalho* (132-16). São Paulo: Atlas
- Seligmann-Silva, E. (1994). *Desgaste Mental no trabalho Dominado*. Rio de Janeiro: Cortez Editora
- Silva, C. (2006). Sobre a Psicologia Ergonômica de Jacques Leplat. *Laboreal*, 2, (2), 47-61.
- Simonet, P. (2011). L'Hypo-socialisation du mouvement: prévention durable des troubles musculo-squelettiques chez des fossoyeurs municipaux. Docteur du Conservatoire National des Arts et Métiers, Conservatoire National Des Arts et Metiers, França.
- Souza, K., C., C., & Boemer, M., R. (1998). O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. *Saúde e Sociedade*, 7 (1), 27-52.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento
- Vasconcelos, R. & Lacomblez, M. (2005). Redescubramo-nos na sua experiência: O desafio que nos lança Ivar Oddone. *Laboreal*, 1, (1), 38-51.

VI ANEXOS